



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS VI POETA PINTO DO MONTEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS - CCHE
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

ROSANNE MIRAKELLE PEREIRA DE OLIVEIRA

**A GRAMATICALIZAÇÃO DA CONSTRUÇÃO “O QUE”: UMA ANÁLISE
FUNCIONALISTA**

**MONTEIRO
2023**

ROSANNE MIRAKELLE PEREIRA DE OLIVEIRA

**A GRAMATICALIZAÇÃO DA CONSTRUÇÃO “O QUE”: UMA ANÁLISE
FUNCIONALISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa do Centro Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa.

Área de concentração: Linguística e Língua Portuguesa

Orientadora: Profa. Dra. Noelma Cristina Ferreira dos Santos.

**MONTEIRO
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48g Oliveira, Rosanne Mirakelle Pereira de.
A gramaticalização da construção "o que" [manuscrito] :
uma análise funcionalista / Rosanne Mirakelle Pereira de
Oliveira. - 2023.
59 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Humanas e Exatas, 2023.
"Orientação : Profa. Dra. Noelma Cristina Ferreira dos
Santos, Coordenação do Curso de Letras - CCHE. "
1. Gramaticalização. 2. Linguística funcional. 3. Pronome
relativo. 4. Pronomes interrogativos. I. Título

21. ed. CDD 415

ROSANNE MIRAKELLE PEREIRA DE OLIVEIRA


**A GRAMATICALIZAÇÃO DA CONSTRUÇÃO “O QUE”: UMA ANÁLISE
FUNCIONALISTA**

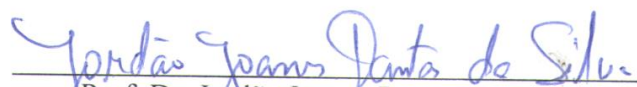
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Língua Portuguesa do Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa.

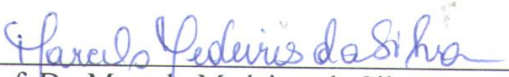
Área de concentração: Linguística Língua Portuguesa

Aprovada em: 04/04/2023.

BANCA EXAMINADORA


Profª. Dra. Noelma Cristina Ferreira dos Santos. (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Jordão Joanes Dantas da Silva.
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva.
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À memória do meu pai, Raimundo, à minha
mãe, Marineirde, à minha irmã, Roseanne,
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por ter sido meu sustentáculo, minha rocha, por nunca ter me desamparado nos momentos em que mais precisei, sem sua graça nada disso poderia ser realidade.

Agradeço à minha mãe, Marineirde, por sempre me incentivar a não desistir e acreditar na minha capacidade.

A meu pai, Raimundo (*in memoriam*), apesar de não estar aqui fisicamente, sua presença em meu coração é constante. Obrigada por me dar forças para continuar e por tudo que me ensinou em vida. Sei que sempre esteve e está ao meu lado.

À minha irmã, Roseanne, que me apoiou incondicionalmente e sempre procurou mostrar-me que tudo daria certo. Gratidão por ser a melhor irmã que eu poderia ter.

A toda a minha família, primos, tios e tias, meus avós, por torcerem pelo meu sucesso.

A Fábio, que tanto me incentivou e deu força, pela compreensão de minhas ausências, pelo consolo nos dias de choro por exaustão e por todo o amor que emanou a mim.

Aos meus patrões, Lígia e Daniel, por compreenderem a importância da minha trajetória acadêmica e me dispensarem do serviço sempre que necessário, até mesmo quando precisava de vários dias na mesma semana. Vocês foram essenciais.

À minha orientadora e amiga, Noelma, mais do que orientações acadêmicas, deu-me orientações de vida. Além de uma professora esplêndida, é um ser humano incrível e iluminado. Desde o primeiro momento em que a conheci, sabia que seria ela minha orientadora. Obrigada por ser mais que uma professora da UEPB, por me compreender e acalantar em tantos momentos difíceis. Você estará sempre em meu coração.

Aos meus colegas de curso, Mariane, Renaly, Helenaide, Renata, Simone, Adriana, Gleica, Paloma, Amanda e Renan, por tornarem a caminhada mais leve, pelo apoio e parceria incondicional, pelos laços de amizade e amor que cativamos para além da UEPB.

À minha prima e irmã, Andreza, por ter segurado minha mão mais vezes do que posso contar, por ter me auxiliado em tudo que pôde e por ser exemplo de resiliência e fidelidade, não terei como retribuir tudo o que fez e faz por mim.

À minha amiga e irmã, Paloma, que se fez presente em cada passo dado academicamente e na vida, por ser leal e por me inspirar a ter mais confiança e acreditar no meu potencial, obrigada pela mão estendida, pelas revisões do meu trabalho, por tudo.

À Leylson, que me ajudou a superar meus medos e incapacidades para poder chegar até aqui.

Ao corpo docente da UEPB, que contribuiu ao longo do curso para minha formação, em especial, a Marcelo Medeiros, que me instigou a aprofundar meus conhecimentos, bem como participar do PIBIC. Sem seu incentivo, jamais teria iniciado a jornada na iniciação científica, caminho que me trouxe até esta pesquisa.

Aos funcionários da UEPB, em especial, ao auxiliar administrativo, Marcos, sempre atencioso, prestativo e, acima de tudo, humano, fazendo seu trabalho com amor e dedicação. Agradeço por não ter me deixado trancar o curso quando mais me sentia incapaz. É também por sua causa que cheguei até este momento.

Aos meus amigos, antigos e novos, que contribuíram direta ou indiretamente para este momento e por serem raios de luz em minha vida.

Aos professores, Jordão Joanes Dantas da Silva e Marcelo Medeiros da Silva, por aceitarem o convite para compor a banca avaliadora, pela disposição de tempo e leitura atenciosa, por terem contribuído para as melhorias deste trabalho.

Encerro agradecendo a Deus novamente, sem Ele eu nada teria e nada seria.

“Por toda graça que me deu, todo amor que ofereceu, sem eu merecer, eu te agradeço, pois sei que um dia me escolheu, e entregou tudo que era seu, e me fez viver (ISRAEL SALAZAR)”

*“O tempo altera todas as coisas; não há razão
para que a língua escape a esta lei universal.”*
Ferdinand Saussure

RESUMO

O presente trabalho é pautado sob a ótica da Linguística Funcional, que analisa os fatos da língua, levando em consideração usos reais e sua evolução junto à gramática. Nossa pesquisa surge da necessidade de observar a gramaticalização e o funcionamento do item “o que”, visto que os itens linguísticos passam por processos de gramaticalização e apresentam variações que sinalizam possíveis mudanças em seus usos. Deste modo, temos como objetivo geral analisar em que contextos de uso o “o que” é uma construção e como se dá o seu funcionamento sintático em textos jornalísticos. Como objetivos específicos, buscamos identificar as estruturas oracionais nas quais o “o que” se faz presente e analisar as funções sintáticas assumidas pela construção nessas estruturas. Para a realização destes objetivos, formamos um *corpus* com 27 notícias retiradas de jornais online que circulam na Paraíba, analisado por meio do método qualitativo-interpretativista. Fundamentamo-nos em estudiosos como Neves (1997; 2000), Furtado da Cunha (2008), Martelotta e Areas (2003), Alonso e Cesário (2015), Rosário (2015), Lacerda e Oliveira (2015), Decat (2011), entre outros, que discorrem sobre a língua, gramática, uso, discurso, gramaticalização, gramaticalização das construções e a integração oracional. Apoiamo-nos em Neves (2011; 2012; 2018), Castilho (2010; 2014), Santos (2018), Bechara (2009), Cunha e Cintra (2017), Rocha Lima (2011) que fundamentam a revisão gramatical das orações, dos pronomes relativos e interrogativos, como também do item linguístico “o que”. Constatamos em nosso estudo a consolidação do “o que” como um item só, completo e não separável, que introduz não apenas orações adjetivas, mas também, orações substantivas e orações plenas, passando pelas funções de pronome relativo a pronome interrogativo. Nossa pesquisa e nossos resultados elucidam mais uma vez a dinamicidade das funções exercidas pelos itens linguísticos e das ocorrências oracionais em nossa língua.

Palavras-Chave: Gramaticalização. Linguística Funcional. Pronome relativo. Pronomes interrogativos.

ABSTRACT

This work is based on Functional Linguistics, which analyzes the facts of language, taking into account actual usage and its evolution along with its grammar. Our research arises from the need to observe the grammaticalization and the functioning of the item "o que" (in Brazilian Portuguese), since linguistic items go through grammaticalization processes and present variations that signal possible changes in their uses. Thus, our general goal is to analyze in which contexts of use the item "o que" is a construction and how it works in journalistic texts. As specific goals, we seek to identify the clause structures in which the "o que" is present and to analyze the syntactic functions assumed by the construction in these structures. To accomplish these goals, we compiled a corpus with 27 news taken from online newspapers that circulate in Paraíba, analyzed by means of the qualitative-interpretivist method. We based ourselves on scholars such as Neves (1997; 2000), Furtado da Cunha (2008), Martelotta and Areas (2003), Alonso and Cesário (2015), Rosário (2015), Lacerda and Oliveira (2015), Decat (2011), among others, who discuss language, grammar, usage, discourse, grammaticalization, grammaticalization of constructions and as well as clause integration. Fall back on Neves (2011; 2012; 2018), Castilho (2010; 2014), Santos (2018), Bechara (2009), Cunha and Cintra (2017), Rocha Lima (2011) that substantiate the grammatical revision of clauses, relative and interrogative pronouns, as well as the linguistic item "o que". We found in our study the consolidation of "o que" as a single, complete and non-separable item, and that this linguistic item introduces not only adjective clauses, but also, noun clauses and full clauses, passing through the functions of relative pronoun to interrogative pronoun. Our research and our results elucidate once again the dynamics of the functions performed by linguistic items and of the clause occurrences in our language.

Key-words: Grammaticalization. Functional Linguistics. Relative pronoun. Interrogative pronouns.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Funções da construção “o que”	37
Tabela 2 – Orações adjetivas introduzidas por “o que”	38
Tabela 3 – Orações substantivas introduzidas por “o que”	41
Tabela 4 – Orações absolutas introduzidas por “o que”	45

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PIBIC – Programa de Iniciação Científica

PI – Pronome Interrogativo

PR – Pronome Relativo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 GRAMÁTICA, USO E DISCURSO: A GRAMATICALIZAÇÃO EM FOCO.....	19
2.1 Gramaticalização e gramaticalização das construções	21
2.2 Combinação oracional e gramaticalização	26
3 O QUE DIZEM AS GRAMÁTICAS SOBRE “O QUE”?	30
3.1 Perspectiva tradicional.....	30
3.2 Perspectiva Funcional.....	33
4 FUNÇÕES SINTÁTICAS DA CONSTRUÇÃO “O QUE”: REFLEXÕES SOBRE USOS ATUAIS.....	37
4.1 “O que” nas orações adjetivas	38
4.2 “O que” introduzindo orações substantivas	40
4.2.1 Substantivas Completivas.....	42
4.2.2 Substantivas Subjetivas	44
4.2.3 Substantivas Predicativas	44
4.3 “O que” nas orações absolutas.....	45
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS	51
REFERÊNCIAS DAS NOTÍCIAS ANALISADAS	53
ANEXOS	56

1 INTRODUÇÃO

A perspectiva funcionalista adota uma visão contextualizada quanto ao estudo da linguagem. Segundo Neves (1997, p. 39), essa vertente parte do pressuposto “[...] da linguagem como entidade não suficiente em si, [...] na qual a função das formas linguísticas parece desempenhar um papel predominante”. Esta perspectiva enxerga a língua além da estrutura interna e, como afirma Furtado da Cunha (2008, p. 158), “[...] procura essencialmente trabalhar com dados reais de fala ou escrita retirados de contextos efetivos de comunicação, evitando lidar com frases inventadas, dissociadas de sua função no ato da comunicação”.

O funcionalismo assume a língua(gem) em suas diversas manifestações e atrela aos usos linguísticos o meio social e as circunstâncias em que são criados, utilizados e modificados, levando em consideração seus propósitos. Diante disto, percebemos a necessidade da desmistificação das fronteiras rígidas e engessadas dos itens linguísticos. A categorização e funcionalidade dos itens linguísticos se amplia como a própria língua, evoluindo e expandindo suas funções e significações. As variações se dão com o tempo e transformam a língua em sua totalidade, desde as construções mais complexas até os menores itens linguísticos. Os discursos moldam as manifestações da linguagem e as pressões externas à língua fazem com que sua variação ocorra tanto sincronicamente quanto diacronicamente, sendo necessária uma visão pancrônica dos fatos da língua, pois todos os processos são importantes e de grande relevo para a formação de novos usos e de funcionalidades de tudo aquilo que integra a língua.

Pela ótica funcional, as orações e seus itens linguísticos são enxergadas e estudadas além da classificação tradicional. Uma das variações presentes na evolução linguística é a gramaticalização, que é o processo pelo qual os itens linguísticos passam, perdendo funções primárias e desempenhando novas funções gramaticais, a gramaticalização mantém relação com o conteúdo, que abarca o discurso, a pragmática, a semântica e a cognição; bem como a forma que abarca os âmbitos da morfossintaxe e da fonologia.

Partindo das noções até aqui explicitadas sobre a perspectiva funcional que embasa esta pesquisa, temos como tema central a gramaticalização e funcionamento do item “o que”. O interesse em desenvolver esta pesquisa surgiu a partir dos trabalhos realizados no Projeto de Iniciação Científica (PIBIC) cotas 2019-2020 e 2020-2021, que tinham como intuito investigar os usos dos pronomes relativos e das estratégias de relativização, na fala e na

escrita de estudantes na cidade de Monteiro-PB. Através dos dados analisados, chamou a nossa atenção a presença do item “o que”, especialmente por suas possíveis funcionalidades como um único item linguístico e também por percebermos que há poucos estudos sobre esse item na área funcionalista. Diante disso, desenvolvemos esta pesquisa que se interessa, neste momento, em analisar a gramaticalização do item “o que” através de uma abordagem funcionalista.

Perante o reconhecimento de que os itens linguísticos passam por processos de gramaticalização e apresentam variações que sinalizam possíveis mudanças em seus usos, acarretando novas perspectivas funcionais, desenvolvemos esta pesquisa, com o intuito de responder aos seguintes questionamentos: Em que contextos de uso o “o que” se apresenta como construção? Em que estruturas oracionais essa construção é usada? Quais as funções sintáticas exercidas pelo “o que”?

Considerando o fato de que a língua está em constante mudança e de que apresenta processos de variações nos funcionamentos de seus itens linguísticos, tem-se como hipótese que o pronome “o que”, enquanto item linguístico dotado de sentido e funcionalidade, exerce várias funções sintáticas e semântico-discursivas, incluindo a função de pronome relativo e podendo ainda apresentar outras funcionalidades que podem ser identificadas durante o percurso de investigação.

Nosso objetivo geral é analisar em que contextos de uso o “o que” é uma construção e como se dá o seu funcionamento em textos jornalísticos. Já em nossos objetivos específicos buscamos identificar as estruturas oracionais em que o “o que” se faz presente e analisar as diferentes funções assumidas pela construção “o que” nas estruturas analisadas.

É de conhecimento da comunidade linguística que mudanças vêm ocorrendo em nossa língua, e, ainda, que essas mudanças ocasionam o surgimento de novas construções e manifestações linguísticas que se apresentam como inovações que necessitam de estudo e aprofundamento. O apego a uma visão estritamente tradicionalista sobre o funcionamento da língua resulta na perda da observação de fenômenos que muito têm a agregar ao conhecimento da língua, portanto, é de grande valia que haja estudos pautados na linguística funcional.

Os pronomes como entidades linguísticas e funcionais também carecem de um olhar funcional sobre suas atribuições de sentido na construção oracional, assim como a língua muda, seus itens também seguem o mesmo processo. O item “o que” não é considerado pelos estudiosos tradicionalistas como um pronome relativo, porém os funcionalistas o consideram como item funcional e necessário para construção de sentido, pois todo item linguístico

utilizado em situações comunicativas exerce, sim, um papel funcional dentro da língua. E é diante deste contexto que esta pesquisa se faz necessária, pois pretende agregar aos estudos funcionais um olhar mais expressivo sobre a construção “o que” na língua, observando sua mudança que pouco tem sido analisada.

Com o intuito de explanar e compreender melhor as conceituações, definições e discussões acerca do problema abordado nesta pesquisa, faremos uso das contribuições de estudiosos como Neves (1997; 2000), Furtado da Cunha (2008), Martelotta e Areas (2003), Alonso e Cesário (2015), Rosário (2015), Lacerda e Oliveira (2015), Decat (2011), entre outros que discorrem sobre a língua, gramática, uso, discurso, gramaticalização, gramaticalização das construções e a integração oracional; Baseamo-nos em Neves (2011; 2012; 2018), Castilho (2010; 2014), Santos (2018), Bechara (2009), Cunha e Cintra (2017), Rocha Lima (2011), que fundamentam a revisão gramatical das orações, dos pronomes relativos e interrogativos, como também do item linguístico “o que”.

Para obtenção dos resultados almejados por nossos objetivos de estudos e análise, realizamos uma pesquisa de cunho qualitativo-interpretativista quanto à sua abordagem. De acordo com Córdova e Silveira (2009), a pesquisa qualitativa não se atém às especificidades numéricas (quantificação dos dados), mas, sim, à compreensão da realidade em que os objetos de estudos estão imersos. Esta abordagem de pesquisa preocupa-se “[...]com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.” (CÓRDOVA; SILVEIRA, 2009, p. 32).

Nossa pesquisa procura executar as ações de estudo de acordo com o que os autores acima citados mencionam: descrever, compreender, explicar e analisar o item linguístico “o que” como uma construção, sem enfatizar a quantificação dos dados.

Quanto à natureza dos objetivos apresentados, realizamos uma pesquisa documental, descritiva e explicativa. Segundo Carvalho et al. (2009), a pesquisa documental torna-se uma vantagem para o pesquisador, visto que trabalha com textos ainda não analisados, indo, assim, diretamente à fonte e descartando a possibilidade de reprodução errônea dos textos. Fonseca (2002) diz que a pesquisa documental recorre a diversas fontes entre elas os jornais, que são a fonte da nossa pesquisa.

Faremos uso também do método descritivo, pois pretendemos fazer a descrição das construções encontradas nos textos analisados, a fim de observar como se dá a funcionalidade do item linguístico aqui estudado. Prodanov e Freitas (2013, p. 52) mostram que, “nas pesquisas descritivas, os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, [...] os fenômenos do mundo físico e humano são estudados, mas não são

manipulados pelo pesquisador. Ainda em nossos métodos de análise, realizamos a pesquisa explicativa, pois, através do estudo aprofundado dos casos, buscamos explicar a causa propulsora das ocorrências. De acordo com Gil (2002, p. 41), “a pesquisa explicativa é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas.”.

Com o intuito de utilizar dados atuais que pudessem trazer o uso real da nossa língua escrita, escolhemos cinco jornais online que circulam na Paraíba para compor nosso *corpus*: Jornal a Página, Jornal a Palavra, Jornal da Paraíba, O Estado da Paraíba e o Portal Correio. Todos estes jornais estão disponíveis de forma gratuita e de livre acesso, os textos retirados dos jornais são atuais e foram publicados entre os últimos dois meses do ano de 2022 e os primeiros meses do ano em curso, ou seja, novembro e dezembro de 2022 e o primeiro trimestre de 2023, o período de coleta aconteceu entre as primeiras semanas de janeiro e o início do mês de março; quanto aos conteúdos, as notícias tratam de temas diversificados.

Analisamos um total de 27 notícias, os trechos foram retirados de forma contextualizada para que houvesse uma boa compreensão do tema de que trata cada trecho e respeitando seu formato original, ou seja, mantivemos a mesma grafia, prezando pela fidelidade dos dados a sua forma primária.

Com o propósito de organizar e padronizar os dados, criamos códigos de identificação, utilizados na catalogação dos dados e serão aqui reproduzidos ao final de cada exemplo. Os códigos são formados a partir das iniciais dos jornais utilizados, seguidos das datas de publicação de cada notícia nos trechos que as correspondem:

Quadro 01: Siglas usadas para referência dos Jornais

JORNAL	SIGLA
A Página	APAG
A Palavra	APAL
Jornal da Paraíba	JDP
O Estado da Paraíba	EDP
Portal Correio	PC

Fonte: Elaboração Própria

A presente pesquisa encontra-se organizada em cinco capítulos, expostos da seguinte maneira: de início a introdução, que traz um apanhado geral contendo tudo o que pretendemos

explanar ao longo da pesquisa e a metodologia adotada em nosso trabalho; o segundo e o terceiro capítulo abarcam a fundamentação teórica — no segundo capítulo, dissertarmos sobre a abordagem da gramática, do uso e discurso com foco na gramaticalização; no terceiro, pontuaremos o que as gramáticas tradicionais e funcionalistas dizem sobre o item “o que”, as orações e os pronomes relativos e interrogativos, haverá uma subseção para a perspectiva tradicional e outra para a funcional. Já no quarto capítulo, teremos a análise, que se dará de forma crítico/reflexiva em três subseções que situam as ocorrências dos item “o que” dentro das estruturas oracionais; concluindo a pesquisa, no quinto e último capítulo, apresentamos as considerações finais que esboçarão os resultados, as confirmações ou não de nossos objetivos de pesquisa. As referências e anexos estarão dispostos após as conclusões.

2 GRAMÁTICA, USO E DISCURSO: A GRAMATICALIZAÇÃO EM FOCO

A linguística funcional possui em sua base três conceitos que são de suma importância para o desenvolvimento de suas pesquisas e que norteiam e capacitam o olhar científico a melhor entender as modificações da língua: *a gramática, uso e discurso*. Os três conceitos se conectam e auxiliam em uma visão ampla de melhor criticidade no entendimento do movimento de emersão e imersão de novas estruturas linguísticas, sejam em sua formação ou funcionalidade.

Baseamo-nos nas colocações de Neves (2012) para explicar sobre esses conceitos. De acordo com colocações da autora, a *gramática* se posiciona como o conjunto de regularidades, como um modo de uso. Os falantes possuem em si a internalização da gramática, e isso os mune de possibilidades linguísticas para o discurso. As inovações que surgem não se dão de maneira dissociada dos itens linguísticos já instituídos em nossa língua, mas, sim, através deles e dos usos que os falantes fazem destes itens. Então, a gramática não pode ser vista como rígida e não evolutiva, e de forma alguma dissociada do discurso e do uso

Os *usos* são os registros da língua, é como se dá a comunicação dos falantes no ato discursivo tanto de forma oral como escrita, ou seja, a prática da linguagem. A linguagem se manifesta no uso e se modifica pelo discurso. Os falantes carregam consigo experiências particulares, contextos diferenciados e intencionalidades discursivas singulares a cada momento enunciativo, o que gera diferentes usos da linguagem para a adequação na comunicação dos indivíduos.

O *discurso* é a concretização dos usos, são as estratégias das quais o falante faz uso para a organização das estruturas enunciativas na língua, é através dele que o falante coloca em prática (em uso) sua linguagem, o que, por sua vez, nos traz a necessidade de repensarmos tudo o que envolve o discurso. A ação discursiva é moldada através de forças linguísticas e extralinguísticas, estas que moldam as características do fazer enunciativo de cada indivíduo.

É necessário observar que no discurso nada se caracteriza como neutro, existe sempre um “para quem”, que é o público com o qual o locutor entra em contato no momento enunciativo seja em grupos ou não; um “porquê”, que é a intencionalidade com que o falante fará seu discurso, este que espelha as intenções enunciativas do locutor; e um “de que modo”, que é a escolha da forma linguística que será utilizada, forma linguística essa que deve se enquadrar ao contexto comunicativo a exemplo de uma situação formal/coloquial, sendo assim, é notório que aquilo que dizemos ou deixamos de dizer através da escrita e/ou da fala

não é dissociada de intenção discursiva. O discurso é concretizado no uso e moldado através do contexto comunicativo. A tríade *gramática – uso – discurso* é interligada de forma interna e externa, caracterizando-se como os pilares da linguagem.

A partir da explanação desses conceitos base da perspectiva funcional, percebemos que o polo funcionalista “[...] caracteriza-se pela concepção da língua como um instrumento de comunicação, que, como tal, não pode ser analisada como um objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical.” (MARTELOTTA; AREAS, 2003, p. 20).

O contexto é o propulsor das criações enunciativas dos indivíduos participantes do ato comunicativo, é através dele que se faz possível selecionar e adequar as construções sintáticas de acordo com o meio ao qual o falante está exposto.

Nas palavras de Furtado da Cunha (2008, p. 163),

[...] De acordo com essa concepção, a sintaxe é uma estrutura em constante mutação em consequência das vicissitudes do discurso ao qual se molda. Ou seja, há uma forte vinculação entre discurso e gramática: a sintaxe tem a forma que tem em razão das estratégias de organização da informação empregadas pelos falantes no momento da interação discursiva. [...]

Portanto, faz necessária a percepção da gramática como mutável e adaptável à situação comunicativa em que o falante está inserido, ou seja, as línguas variam e mudam de acordo com os contextos a que pertencem, modificando a partir dos usos reais a gramática que os norteia. A linguística funcional além seu interesse investigativo nestas mudanças, os falantes se caracterizam como partes essenciais para a construção e evolução da gramática, com isso, temos uma análise que se volta ao uso da língua e não apenas a sua estruturação. Dessa forma, a gramática não é vista como suficiente em si e é tratada como mutável e evolutiva, renovada constantemente pelos usos, ou seja, a comunicação dos usuários da língua promove a sua modificação, porém, mantém uma organização das construções que emergem e as que se perdem por muitas vezes.

O sistema linguístico é totalmente atrelado ao uso, os falantes são responsáveis pela consolidação dos usos, tendo relação tanto com a estrutura linguística quanto com os itens lexicais. Alonso e Cezario (2015, p. 63) dizem que “É muito provável que padrões linguísticos e não linguísticos sejam processados e aprendidos de um modo integrado. Todos os aspectos da linguagem, do nível fonético ao semântico, são abertos à influência do contexto linguístico e não linguístico.”

Para a linguística funcional, um preceito fundamental é o de que as construções linguísticas emergem de acordo com o uso no momento discursivo, entendendo, assim, que as constâncias, bem como as inconstâncias da língua são estimuladas e moldadas na concretização pragmática do discurso no meio em que ocorre.

Cunha, Bispo e Silva (2013) reforçam que a *língua* é tida como um sistema complexo, adaptável e espontâneo, é formada por padrões tidos como regulares e outros nem tanto, como também, por padrões que estão sempre em surgimento. A *gramática* é vista como o conjunto de processos que são utilizados na formulação e esquematização de um discurso que se enfatize na coerência, a gramática e o discurso são interligados e seguem se remodelando juntos, um ao outro. A *gramaticalização* está ligada à ocorrência de variações e mudanças no mundo linguístico, abarcando fatores que têm relação com o conteúdo e a forma. A *construção gramatical*, por sua vez, é tida como a união da forma e da função, faz parte também do nosso conhecimento sobre a língua quando proferimos itens de nosso léxico e construções pertencentes a ele, esses elementos trazem consigo composições significativas que podem acontecer de forma inteiramente nova ou não especificada, as não totalmente especificadas e as inteiramente idiomáticas.

2.1 Gramaticalização e gramaticalização das construções

Tendo explicitado acima as postulações funcionalistas a respeito da gramática, do uso e do discurso, adentramos ao entendimento mais amplo do termo *gramaticalização*. Primariamente a gramaticalização era concebida apenas relacionada a itens lexicais, que passariam de gramaticais para ainda mais gramaticais, porém, essa visão foi ampliada e por conseguinte começou a ser considerado não apenas o item lexical em si, mas toda a construção que o integra. Alonso e Cezario (2015, p. 64) dizem que:

Sob essa ótica, ao focar na mudança sofrida pelo item, leva-se em conta a importância da descrição do contexto linguístico imediatamente envolvido no processo de mudança. Entende-se, portanto, que há uma unidade linguística de maior complexidade estrutural necessariamente implicada na descrição do processo. No entanto, apesar de se falar em contexto linguístico nessa época, na maior parte das pesquisas o foco do estudo da mudança estava no item.

As abordagens em sua maioria se assemelham na consideração da gramaticalização enquanto um processo diacrônico, ou seja, suas mudanças ao longo do tempo, isso até 1970,

mas após esse período houve aqueles que conceberam a gramaticalização também como sincrônica.

De acordo com as palavras de Rosário (2015, p. 39),

A perspectiva diacrônica (ou histórica) investiga as fontes das formas gramaticais e os típicos caminhos de mudança que os afetam. A partir dessa perspectiva, a gramaticalização é conhecida como um conjunto de mudanças linguísticas através das quais um item lexical, em certos usos, torna-se mais gramatical. A perspectiva sincrônica, por sua vez, vê a gramaticalização como primariamente um fenômeno sintático, discursivo-pragmático, a ser estudado do ponto de vista de modelos fluidos de uso linguístico. Aliás, em uma perspectiva ainda mais moderna, tem-se utilizado o termo “gramaticalidade” para fazer referência ao que antes se chamava “perspectiva sincrônica da gramaticalização”.

Com as colocações de Rosário (2015), perspectivadas sobre as orientações de Traugott, pode-se conceber a gramaticalização como a mudança que acontece em contextos linguísticos onde os falantes utilizam partes das construções oracionais com função gramatical, as estruturas resultantes desse uso podem ao longo do tempo ainda exercer novas funções. Os estudos em gramaticalização, então, são capazes de entender e explicar como as construções gramaticais emergem e se modificam com o passar do tempo.

Como menciona Bybee (2003 apud ALONSO E CEZARIO, 2015, p. 64),

Na literatura recente sobre gramaticalização, parece consenso que não é suficiente definir gramaticalização como o processo pelo qual um item lexical torna-se morfema gramatical, mas, ao contrário, é importante dizer que esse processo ocorre em contexto de uma construção particular... De fato, parece mais adequado dizer que é uma construção com seus itens lexicais particulares que se torna gramaticalizada do que dizer que é o item lexical que se gramaticaliza.

O processo gramaticalizador é visto então como o que subsidia a geração de novos padrões *forma-sentido* na língua, sendo assim, é tido como o mecanismo que desenvolve em diferentes graus de cognição e estruturação as estruturas linguísticas.

Alonso e Cezario (2015, p. 68) dizem que:

[...] há sempre duas forças atuando pelo papel da frequência de uso, uma no sentido de manutenção do sistema (rotinização) e outra no sentido de substituição gradativa de construções (inovações motivadas - iconicidade). Assim, repetições criam desgaste tanto fonético quanto semântico, o que leva à necessidade de formação de novas expressões, pois as mais antigas, de tanto serem usadas, perderam força expressiva [...]

Para falar em “construções”, torna-se necessário salientar que, dependendo da corrente teórica a ser abordada nas pesquisas, o sentido do que se tem por construção muda, podendo, então, os conceitos “ser tão diferentes que, muitas vezes, carregam ideias até mesmo antagônicas” (ROSÁRIO, 2015, p. 40).

Rosário (2015, tomando por base TRAUGOTT, 2008b, p. 5; GOLDBERG e JACKENDOFF, 2004, p. 532-533) trata sobre a gramática das construções e seus expoentes, entendida como uma abordagem sincrônica e que traz em suas características alguns aspectos como a visão igualitária entre forma e significado. A gramática é tida como não centralizada a um nível específico, ou seja, a percepção é global sobre o todo, não há setorização ou individualização de níveis, e, ainda, é baseada no uso, considerando as experiências e vivências dos falantes.

Em seu trabalho menciona que autores como Goldberg (1995; 2006), Croft (2001), entre outros, defendem que as construções são as unidades basilares da língua, e, ainda que Lehmann (1995) traz como sugestão o fato de que a gramaticalização abarca um compilado de processos que acontecem nos âmbitos fonológicos, semânticos e sintáticos, envolvendo-se no processo de gramaticalização de unidades linguísticas como os morfemas até construções inteiras. Posteriormente esse mesmo autor defende que a gramaticalização de um elemento está fielmente ligada à construção oracional como um todo, ou seja, o elemento gramaticalizado relaciona-se com toda a construção através das relações sintagmáticas que com ela estabelece.

Necessita-se aqui mencionar novamente que há construções como sendo as unidades básicas da língua e concretizam-se a partir da junção entre o que temos por forma e sentido, assim encontramos o princípio de fraca composicionalidade, isto é, a construção inteira é precursora do sentido gramatical, e não apenas o significado de um item (GOLDBERG, 1995; 2006, e CROFT, 2001 apud ROSÁRIO, 2015).

Ainda apoiado pelos pensamentos de Traugott (2008a), Rosário (2015) acrescenta que qualquer item linguístico pode ser considerado uma construção. A gramática das construções se aproxima dos pressupostos funcionalistas ao não tomar divisões absolutas entre o âmbito lexical e gramatical, sendo assim, considerando apenas como um diferenciador desses campos o nível de complexidade dos fenômenos em pesquisa. Para Rosário (2015, p. 42),

[...] a abordagem construcional pode ir além do escopo chamado período simples, já que o estudo semântico associado a padrões oracionais pode ser aplicado também ao chamado período composto. A abordagem construcional, entre outras questões, ocupa-se, por exemplo, das chamadas

construções de estrutura argumental (construções ditransitivas, de movimento causado, resultativas, conativas etc), além das sistemáticas diferenças de significado entre sentenças com os mesmos itens lexicais em estruturas sintáticas semelhantes.

Ainda dentro do âmbito construcional, é de grande valia mencionar as colocações de Goldberg (1995 apud ROSÁRIO, 2015), para quem diferenças sintáticas nas construções sempre refletiram também que há diferenças de significado, ou seja, ela adota um princípio de não sinonímia da forma gramatical.

As construções têm sido uma nuance abrangente nos estudos da gramaticalização e têm se mostrado um fator de ampliação às análises. A gramaticalização não envolve apenas um item (palavra ou morfema), e, sim, toda a construção que engloba os elementos participantes da estrutura oracional, toda a relação sintagmática.

Dentro da esfera da gramática das construções, o sistema linguístico é um conjunto estruturado que carrega das unidades mais simples até as mais complexas, o conhecimento do falante sobre a língua são esses conjuntos de informações que se fazem presentes no sistema linguístico. Segundo as autoras, essa estruturação é como uma rede taxonômica de construções, ou seja, cada informação organizacional da língua, cada construção forma uma pequena parte da rede.

Como mencionado, as construções se organizam em redes se materializando através de um esquema construcional já formado. Após sua organização e materialização se expandem e seguem sua própria direção, criando uma ramificação na rede e envolvendo processos de uso que ocasionam mudanças morfossintáticas e de significado. Isto, levando em consideração a emergência de novas construções a partir de um esquema de construções já existente. Então, “[...] o trabalho com padrões construcionais vem a auxiliar a gramaticalização no que se refere ao alinhamento entre padrões de uso e padrões gramaticais”. (LACERDA; OLIVEIRA, 2015, p. 53).

Diante do exposto, é visível que a gramaticalização se envolve não somente em um processo abstrato e esquemático, mas também em um local que se refere ao ato de reinterpretar o que os falantes executam na construção de sentido durante a interação, tornando-se, assim, imprescindíveis os mecanismos de *analogia* e *reanálise*, ainda levando em consideração a integralização de novos usos; também é de grande valia observar o mecanismo de frequência/repetição.

Lacerda e Oliveira (2015) mostram que, primariamente, a *reanálise* foi observada como um mecanismo que sobrepõe à *analogia*, o primeiro estaria ligado à introdução de

novas construções e mudaria de maneira total o sistema e daria vida a novas formas gramaticais em nossa língua, já o segundo era visto de forma diferente, como capaz de originar novas formas, mas com mudanças superficiais nas formas originárias. Essa visão tem mudado a partir da perspectivização das construções da gramaticalização, esta que tem dado maior destaque à analogia, compreendendo-a como um mecanismo de mudança linguística igual à reanálise.

A analogia é enxergada como uma força primária para a gramaticalização, que permite um aprendizado concreto das experiências linguísticas e situacionais, estabelecendo um processamento cognitivo, já a reanálise é vista como a (re)interpretação das novas construções dentro do contexto de uso, seria, então, como a negociação de sentido entre os falantes, durante a interação dialógica através de implicaturas conversacionais.

O processo ocorre gradativamente na língua. Embora seja observado que a mudança linguística se dá de maneira discreta, observar apenas as categorias que enfatizam os dois extremos dos clines¹ de mudança deixa a desejar, pois o que está entre os clines fica disperso e negligenciado, é de suma importância que os estudos em gramaticalização também evidenciem o que se encontra entre as categorias Y e X nos clines de mudanças, autores como Traugott (2010a) e Briton & Traugott (2005) defendem essa perspectiva, o que se encontra nos estágios intermediários muito contribui para o avanço dos estudos das estruturas gramaticalizadas,

Continuando, a analogia corresponde analogização, que é o modo pelo qual uma mudança é implementada nos usos linguísticos, é através dela que os usos se alastram de forma pragmática. Pode-se fazer referência à analogia por meio do termo esquematização, este adotado por Noël (2007) e mencionado por Lacerda e Oliveira (2015), visto que, para tal, a gramaticalização equivale à esquematização, pois o emergir de novas construções teria como base construções abstratas e esquemáticas.

A abstração decorrente de ocorrências concretas seria proveniente da analogia, portanto, com o aumento do uso os padrões abstratos e concretos se tornariam mais produtivos. A reanálise, como já exposto anteriormente, foca na (re)interpretação das construções e conseqüentemente nos sentidos que entram em negociação pelos falantes presentes na interação discursiva.

A frequência torna-se um importante critério da identificação dos processos de gramaticalização. Lacerda e Oliveira (2015), embasadas pelos pensamentos de Bybee (2003),

¹ Aqui tratamos os clines de mudanças como escalas de mudanças, como camadas que estruturam o processo de mudança linguística, pautados em Lacerda e Oliveira (2015).

nos elucidada o fato de que o aumento da frequência de uso possibilita que os itens linguísticos sejam compreendidos como unidades construcionais não apenas como itens isolados, mudanças fonológicas que implicam a redução ou fusão das construções que passaram pelo processo de gramaticalização, mas também como a ampliação das associações pragmáticas destas construções em novos contextos, sendo assim, expandindo as suas funcionalidades.

Alinhando essas colocações ao processo de gramaticalização e à gramática das construções, podemos mencionar que, assim como os estudos linguísticos foram remodelando suas especificidades e reconhecendo o falante como parte essencial do processo de mudança linguística, a gramaticalização também ampliou suas nuances.

2.2 Combinação oracional e gramaticalização

Adentrando a área de combinação oracional, partimos a princípio das colocações de Rosário (2015), que, inspirado pelas colocações de Heine et al. (1991), mostra que tanto a coordenação como a subordinação gramatical teriam se formado a partir da convencionalização de estruturas no âmbito discursivo, e que, por isso, esse processo de combinação oracional pode ser visto como uma gramaticalização da organização discursiva. Ainda em suas postulações, pudemos observar a exposição de três processos de combinação oracional, são eles a parataxe, a hipotaxe e a subordinação.

Para o autor, a *parataxe* diz respeito à junção de orações coordenadas, seja pela proximidade de dois ou até mais núcleos de forma explícita em um mesmo contorno entonacional, sem o uso de conectores, seja pela junção de orações que expõem ligação pelo uso específico de elementos conectores. A *hipotaxe* expressa um núcleo sintagmático e orações que são relativamente dependentes a esse núcleo. A *subordinação* traz um status de dependência completa e integral das orações ao núcleo constituinte, há um total encaixamento. Em questão de seus níveis de integração podemos representá-lo da seguinte forma: Parataxe < Hipotaxe < Subordinação.

A dependência ou independência das orações deve ser vista de forma menos rigorosa, pois há sempre conexão oracional com o momento discursivo, com o contexto que precede a inclusão das orações na enunciação, e também, com o conhecimento que os falantes já carregam consigo mesmos. Rosário (2015, p. 46) menciona que há “[...] dependência pelo menos semântico-pragmática, em maior ou menor grau.”, sendo assim, há sempre uma relação de sentido e significação junto aos falantes, levando em consideração as relações extralinguísticas presentes no processo da comunicação e da criação de enunciados.

É interessante mencionar as colocações de Hopper e Traugott (1997 apud ROSÁRIO, 2015), os quais propõem dois *continua* a partir das combinações sobre os traços de dependência e encaixamento, representados pelos processos de parataxe (–dependente e –encaixada), hipotaxe (+dependente e –encaixada) e subordinação (+dependente e +encaixada). Este é um dos *continua*, o outro apresenta-se dentro das propriedades que consideram relevantes para a variação das combinações oracionais, que vão do núcleo à margem, da integração mínima à integração máxima, e da máxima combinação explícita a mínima combinação explícita.

Os *continua* aqui mencionados não findam as possibilidades de integração e combinação oracional, é apenas uma nuance que serve como norte teórico, nenhum *continua* pode caracterizar-se como total e suficiente. De qualquer forma, a partir dessas explanações, é possível situarmos as orações com as classificações tradicionais nos *continua* a partir da noção de integração. Assim, a coordenação situa-se na parataxe, as orações adjetivas explicativas e as advérbias estão na hipotaxe e as orações substantivas e adjetivas restritivas estão na subordinação, devido à relação de integração e encaixamento com a matriz.

O que podemos entender ao longo de toda essa discussão é que as necessidades comunicativas trazem a necessidade de mudança e influem na criação de novas construções que são recebidas e expandidas pelos falantes causando assim uma regularização. A gramaticalização está presente na motivação dos preenchimentos dessas necessidades linguísticas, fazendo com que emergem novas formas gramaticais, por isso, a gramática das construções tem se mostrado de grande valia para o entendimento e investigação desse fenômeno linguístico, ampliando o que antes resumia-se apenas à subordinação e à coordenação.

Em seu texto, Decat (2011) procura diferenciar as “encaixadas” das “desgarradas”. Para a autora, essas ocorrências desgarradas podem ser chamadas de “independentes”, visto que não são incluídas dentro da estrutura de outra oração, essas orações enquadram-se nas hipotáticas de realce, são possibilidades organizacionais no discurso, e mantêm com este uma relação advérbial.

Decat (2011) observa em seu trabalho ocorrências registradas no PB (português brasileiro) e no PE (português europeu), analisa exemplos que trazem adjetivas explicativas e relativas sem cabeça. Os quais revelam que as orações que ocorrem desgarradas são exatamente as adjetivas explicativas/afirmativas e as relativas sem cabeça.

As adjetivas explicativas/afirmativas são responsáveis por acrescentar informações sobre o SN (sintagma nominal) que as antecede, explicando e/ou ampliando suas

características, sem restringi-lo, consideradas como acessórias, porém relevantes na construção de sentido. As reativas sem cabeça caracterizam-se por não expor o SN que a oração relativa realça, ou seja, não há uma identificação do referente. Decat (2011, p. 50-51) diz que “esse tipo de estrutura ocorre no final de um enunciado, depois dos sintagmas nominais, mas sem qualquer marca morfológica que indique seu antecedente, seu referente, sem nenhuma ligação aparente com o nome que modifica”. Trazendo os exemplos apresentados pela própria autora, temos:

- “(1)a Um dos passageiros, chinês, desesperou-se. Tentou abrir a porta de emergência assim que anunciaram o assalto. Foi contido sem violência pelos bandidos, **que fizeram piada sobre a tentativa de fuga pouco convencional.** (REVISTA ÉPOCA – 104 – 15/05/2000 NOTÍCIAS) - PB”
 (2)b “Estava sem assunto. **O que não deve surpreender ninguém.** Afinal, esta é praticamente uma constante. Estou sempre sem assunto. Mas aí tocou o telefone. Era Adriane Galisteu. (Artur Xexéo, JORNAL DO BRASIL, 3 de set. de 1999) - PB”. (DECAT, 2011, p. 49-50, grifos nossos).

O primeiro exemplo apresenta uma adjetiva explicativa que amplia as características do seu termo antecedente sem restringi-lo; o segundo, por sua vez, expõe uma relativa sem cabeça, a qual não expõe seu antecedente; ambas ocorrem desgarradas.

Decat (2011) menciona que Vilela e Koch (2001) também apontam que as adjetivas explicativas trazem informação suplementar e seu desligamento da oração principal não altera o seu sentido, além disso, comumente está separada da oração subordinante por uma pausa. Também a respeito das explicativas, Neves (2000) partilha a ideia de acréscimo informativo sobre o antecedente a que faz referência, e, ainda, menciona que faz isso sem restringir o SN, sendo este capaz de referir-se a um conjunto, e, também, a um indivíduo único.

Seguindo com suas postulações, Decat (2011) apresenta o resultado do *corpus* de sua pesquisa, que revela diferentes tipos de estruturas nas ocorrências das adjetivas explicativas/afirmativas. Para a autora, a adjetiva afirmativa é a que vem logo após uma pausa, representada na escrita pela vírgula ou outros marcadores de pausa textual como: [, QUE / – QUE]; logo após, aparecem as desgarradas que trazem a estrutura [. + QUE]. E ainda ocorrências que apresentam o mostrativo neutro como elemento que inicia a oração, essa denominação é dada por Castilho (1993) onde as construções trazem a estrutura [. O QUE].

As adjetivas afirmativas são entendidas como informação adicional, esse aspecto poderia explicar o fato de se enquadrarem no final dos enunciados, essa colocação em muito colabora para o desgarramento, e, portanto, para o funcionamento de tais orações como estruturas independentes. As estruturas explicitadas acima caracterizam-se como equivalentes,

em outras palavras, encontram-se no mesmo nível sendo formas co-ocorrentes dentro da língua. A observação dessa variação de usos evidencia um processo de gramaticalização dessas estruturas, antes dependentes e que agora caminha para a independência.

Sendo as apositivas/explicativas e as relativas sem cabeça as mais propícias ao desgarramento, observa-se, ainda segundo Decat (2011), que em uma estrutura apositiva o pronome relativo (PR) que a inicia desempenha papel de pronome resumidor, fazendo referência a todo o texto anterior e não especificamente a um único elemento. O fato de não haver uma referenciação a um antecedente específico traz um status de independência do contexto informacional.

Importante salientar que, apesar de manterem relação de sentido com o texto que a antecede, há algumas orações apositivas que não poderão ser integradas novamente ao todo discursivo de maneira sintática, não se encaixando como uma escolha do falante, que tem que compreender essa estrutura de maneira separada. Como no exemplo trazido por Decat (2011), no qual não há possibilidade de ligação sintática com a oração anterior sem modificação da apositiva de alguma forma, pela troca de pontuação, como também, pelo acréscimo de expressões que indicassem uma colocação de adendo.

Utilizando outro exemplo de Decat (2011), temos: “De posse do formulário, devidamente preenchido [...], dirija-se ao Departamento da Polícia Federal portando todos os documentos exigidos. **Que não são poucos: carteira de identidade ou certidão de nascimento, prova de quitação com as [...]** – (JORNAL DAS CASA, BH-MG, 9 a 15/5/95)” (DECAT, 2011, p. 55, grifos nossos). Como pode ser observado, não há como encaixar novamente a oração de forma simultânea sem haver mudanças ou trocas. Em primeiro caso, poderia ser colocada a vírgula antes do pronome relativo, e, com isso, continuaria com sua função de informação adicional. Para um encaixe literal acontecer e sua função semântica continuar, seria necessária a colocação de itens linguísticos que trouxessem sentido de adendo como em: “De posse do formulário, devidamente preenchido [...], dirija-se ao Departamento da Polícia Federal portando todos os documentos exigidos **que por sinal não são poucos: carteira de identidade ou certidão de nascimento, prova de quitação com as [...]**.”

Mira Mateus et al. (1983, *apud* Decat, 2011) nomeiam as apositivas de “apositivas de F” e afirma que estas referem-se a todo o conjunto das ideias, o que a autora institui como um “comentário acerca da proposição”. Decat (2011) ainda menciona as postulações de Vilela e Koch (2001) mostrando, então, que, nesse caso, o aposto equivale a uma “aposição frásica”.

O que Decat (2011) procura mostrar é o fato de que, independentemente da estrutura inicial que as apositivas e as sem cabeça apresentem, elas estão se desgarrando.

3 O QUE DIZEM AS GRAMÁTICAS SOBRE “O QUE”?

A gramática da língua é observável por diferentes ângulos metodológicos, aqui trataremos mais especificamente do olhar tradicional e funcional sobre o item “o que” e as funcionalidades dos pronomes relativos e interrogativos. Embora muitos gramáticos tradicionais não o considerem um item dotado de sentido, buscamos, nesta seção, compreender e confirmar que essa ideia vem sendo desmistificada ao logo do tempo, observando e pontuando a colocação de vários autores sobre esse item linguístico e suas postulações a respeito da sua funcionalidade e sua forma.

3.1 Perspectiva tradicional

Rocha Lima (2011) apresenta duas óticas sobre este item, apesar de não tratar diretamente dele. O autor o aborda de forma secundária, dentro da perspectiva dos pronomes relativos (dentro das orações adjetivas) e dos pronomes interrogativos (dentro das orações interrogativas diretas).

Rocha Lima (2011, p. 162) caracteriza os pronomes relativos como “[...] palavras que reproduzem, numa oração, o sentido de um termo ou da totalidade de uma oração anterior. Eles não têm significação própria; em cada caso representam o seu antecedente.” E apresenta o quadro dos pronomes relativos: “*que, quem-, quanto, quanta, quantos, quantas; cujo, cuja, cujos, cujas; o qual, a qual, os quais, as quais.*” (ROCHA LIMA, 2011, p. 163). Com isso, vemos que não há uma consideração do item “o que” de forma conjunta, mas sim, apenas o pronome “que”.

Contudo, o gramático faz menções à utilização do “o que”, quando afirma que o pronome pode reproduzir o sentido de um termo ou a oração completa, veremos abaixo exemplos do autor sobre essa afirmativa:

“Havia a escola, *que* era azul e tinha
Um mestre mau, de assustador pigarro...
Seu Alexandre, um bom velhinho rico
Que hospedara a Princesa: o tico-tico
Que me acordava de manhã, e a serra...” (B. LOPES)

O primeiro *que* significa *escola*\ o segundo, *bom velhinho rico-*, e o terceiro, *tico-tico*. Em todos estes exemplos, o pronome relativo se refere, pois, a um termo da oração anterior. Mas numa frase como: Todos estavam reunidos no

mesmo pátio, o *que* facilitou a chamada —, o antecedente não é só um termo da outra oração, mas a totalidade desta.

Observe-se que, neste caso, o pronome relativo vem precedido de o. ROCHA LIMA, 2011, p.162-163)

Podemos observar, de acordo com suas colocações, que o pronome retoma os termos antecedentes de suas frases: escola, bom velhinho rico e tico-tico. Mas, quando faz referência à oração completa, o autor nos mostra que a retomada é feita pelo uso do “o que”.

No que se refere aos pronomes interrogativos, Rocha Lima (2011) explica que essa nomeação é dada aos pronomes indefinidos (que, quem, qual e quanto) quando utilizados para a formulação de perguntas, orações interrogativas.

O autor utiliza os seguintes exemplos:

“*Quem* eram? De *que* terra? *Que* buscavam?” (CAMÕES apud ROCHA LIMA, 2011, p. 163),

E faz uma ressalva ao mencionar esses exemplos, atentando para o fato de que o pronome “que” é utilizado na interrogativa associado ao sentido de “que coisa?”, assim deverá vir também precedido do “o”, com o objetivo de reforçar, como em “— *Que* buscavam?”, sendo usada como “— O *que* buscavam?”.

Neste mesmo viés, Cunha e Cintra (2017) salientam que o “que” enquanto PR pode ser o sentido de uma única expressão, bem como uma oração anterior, além disso, segundo esses autores, o “que” vem, geralmente, precedido do demonstrativo “o” ou de palavras como “coisa” ou com sentidos paralelos, “[...] que resumem a expressão ou oração a que o RELATIVO se refere”. Eis os exemplos apresentados na gramática:

E seu cabelo em cachos, cachos d’uvas, E negro como a capa das viúvas... (À maneira o trará das virgens de Belém **Que** a Nossa Senhora ficava tão bem!) (A. Nobre, *S*, 39.).

Vendia cautelas, **o que** requer muito cálculo, muito olho e muita porfia. (J. de Araújo Correia, *FX*, 54.); Achou-se mais prudente que eu me safasse pelos fundos do prédio, **o que** fiz tão depressa quanto pude. (C. dos Anjos, *MS*, 328.)

(CUNHA; CINTRA, 2017, p. 361).

É perceptível, através desses exemplos, que a retomada ou resumo, como afirmam Cunha e Cintra (2017), efetiva-se pela junção dos termos, tornando-os indissociáveis.

Quanto ao valor interrogativo deste item, Cunha e Cintra (2017) mencionam o mesmo fato que Rocha Lima (2011), quando afirma: o “que” é utilizado como “o que” no intuito de trazer mais ênfase à pergunta como em,

O mundo? O **que** é o mundo, ó meu amor? (E Espanca, S, 90.)
 Não sei **o que** o trouxe aqui. (C. de Oliveira, AC, 17.)
 (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 368)².

Bechara (2009) também traz apontamentos sobre a questão, e, diferentemente dos dois gramáticos citados anteriormente, traz consigo uma inovação, pois já trata de forma unificada o item “o que”, e em conformidade também o traz na categoria de pronome interrogativo.

O autor acredita na normatividade da língua, mas reconhece que essas normas e regularidades encontram-se em processo de diversificação, como no caso da substantivação das adjetivas. O autor mostra que muitos gramáticos não tomam como fato da realidade linguística que o apagamento dos antecedentes dos pronomes “que” e “quem” levam a oração originariamente adjetiva à substantiva. Santos (2018, p. 70) diz que “Incluem-se, neste contexto, as adjetivas introduzidas pelo pronome ‘o que’.”

Bechara (2009, p. 386) traz em seu trabalho orações que exemplificam sua observação:

“O homem que cala e ouve não *dissipa o que sabe*, e aprende *o que ignora* [MM].”
 “*Os que mais blasonam de honra e probidade*, são como os poltrões que se inculcam de valentes [MM].”
 “Os elogios de maior crédito são *os que os nossos próprios inimigos nos tributam* [MM].”
 “*Para quem não tem juízo* os maiores bens da vida se convertem em gravíssimos males [MM].”

De acordo com suas postulações, Bechara (2009, p. 387) traz a seguinte análise:

Transposta a substantiva, a oração de relativo sem antecedente expresso pode exercer as funções próprias das substantivas originais. Assim, nos exemplos acima, *o que sabe* e *o que ignora* fazem o papel de objeto direto dos núcleos verbais *dissipa* e *aprende*, do primeiro. No segundo, *os que mais*

² Sobre o valor do interrogativo “que”, Cunha e Cintra (2017, p.401) acrescentam a seguinte observação: nenhuma razão assiste aos que condenam a anteposição do *o* ao *que* interrogativo, como exaustivamente mostraram Heráclito Graça, em *Factos da linguagem*. Rio de Janeiro. Livraria de Viúva Azevedo, 1904, p. 367-383; e Said Ali, em *Dificuldades da língua portuguesa*. 5.ª ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1957, p. 12-20; e *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3.11 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1964, p. 112-114.

blasonam de honra e probidade é o sujeito de são; no terceiro, os que os nossos próprios nos tributam é predicativo de são. No quarto exemplo, a quem não tem juízo funciona como objeto indireto da unidade verbal complexa dar liberdade.

Com isto, entendemos que Bechara (2009) defende que a oração adjetiva que não possui antecedente exposto, após o processo de substantivação, exerce funções originariamente substantivas.

Bechara (2009) diz que os pronomes relativos se referem a um termo antecedente e que possuem dois papéis “além de sua referência ao antecedente como pronome, funciona também como transpositor de oração originariamente independente a adjetivo e aí exercer função de adjunto adnominal deste mesmo antecedente.” O autor ainda afirma que “O transpositor pronome relativo *que* difere do transpositor conjunção integrante porque este não exerce função sintática na oração em que está inserido, enquanto o relativo exerce sempre função sintática.” (BECHARA, 2009, p. 144).

De forma geral, através dessas observações, percebemos um avanço sobre as considerações acerca da gramaticalização de alguns usos, como o uso do item “o que”.

3.2 Perspectiva Funcional

Castilho (2014) não trata de forma direta o item “o que”, considera-o como retomada da categoria vazia e como interrogativo indireto. No caso das interrogativas indiretas, Castilho (2014, p. 326) aponta que “[...]a pergunta vem codificada no verbo da sentença matriz e o dado desconhecido vem codificado na sentença encaixada, produzindo-se uma sentença subordinada substantiva interrogativa indireta.

Seguem os exemplos citados pelo autor:

(27)

a) *Quero saber o que você disse.*

b) *Pergunto quem vem jantar hoje.*

c) *Indago se um de vocês vai pagar a conta.*

(CASTILHO, 2014, p. 326)

Para o autor, as adjetivas são introduzidas por pronomes relativos, que “desempenham simultaneamente dois papéis: enquanto pronome, recebe funções argumentais ou de adjunção do verbo da sentença que ele encabeça; enquanto conjunção, liga a adjetiva ao núcleo do sintagma matriz.” (CASTILHO, 2010, p. 369). Acrescenta o autor que “Como

Complementadoras dos sintagmas nominais [...] é claro que as adjetivas podem encaixar-se em qualquer expressão-núcleo desse sintagma, aí incluída a categoria vazia”, como nos exemplos:

O Ø que passou, passou.
 Aquele Ø que disser o contrário vai apanhar.
 Os nossos Ø, que não contavam com essa declaração, trataram de cair fora.
 (CASTILHO, 2014, p. 366)

Castilho (2010, p. 369) menciona que:

[...]o relativo *que* se aproxima formalmente da conjunção integrante *que*, que encabeça uma sentença substantiva. O quadro se complica no caso das substantivas que funcionam como argumento de um substantivo [...] Entretanto, como as expressões linguísticas podem enquadrar-se em mais de uma classe, há situações em que ficamos numa espécie de intervalo, entre substantiva e a adjetiva.

Nesse possível intervalo a que se refere o autor, enquadram-se o que ele vai chamar de “adjetivas livres”, apontando como dificuldade maior a classificação das orações adjetivas introduzidas pelo pronome “quem”. Mas Castilho (2010) lembra que essa dificuldade ocorre por querermos decidir sobre a classificação das orações, situando-as em dois polos: como substantivas ou como adjetivas. Por esse motivo, o autor assume que “as estruturas com *quem* situam-se no ponto da passagem do pronome relativo para a conjunção integrante, localizando-se num *continuum* categorial que tem, numa ponta, o encaixamento no sintagma verbal e, na outra ponta, o encaixamento no sintagma nominal” (CASTILHO, 2010, p.372). Isso vale também para as orações substantivas introduzidas pelo item “o que”.

Continuando nosso percurso, adentramos nas colocações de Neves (2018), segundo a qual os pronomes interrogativos são os pronomes indefinidos em orações interrogativas. Neves (2018, p.566) menciona que as interrogações diretas possuem “[...] uma entoação característica da interrogação, geralmente com abaixamento da curva entonacional no final da pergunta” e que as indiretas “são iniciadas pelo PRONOME (aquele que faz a pergunta) constitui o complemento (oração subordinada) de outra oração (oração principal). A entoação da frase composta é de uma frase declarativa.” (NEVES, 2018, p. 566).

Ao tratar das interrogativas indiretas, Neves (2018, p. 567) afirma:

“Embora não abonada em algumas lições normativas, especialmente as mais antigas, é muito frequente a interrogação iniciada com **o que**, no lugar de **que**. É o que se vê nestas perguntas de tipo bastante usual: **O que** é a genialidade? (ACM - R) **O que** é que tem? (A -R).”.

No que diz respeito aos pronomes interrogativos a autora apresenta apenas o “que”, “quem”, “qual” e “quanto”.

Na abordagem a respeito dos pronomes relativos, Neves (2018) também não traz em suas colocações a percepção do item “o que” de forma conjunta, analisando-o apenas pela ótica de o “o” ser um pronome demonstrativo e o “que” pronome relativo, mas aponta o seguinte exemplo: “Era uma vez Eu, Você e Tudo o que existe.” (NEVES, 2018, p. 656), como forma de mostrar que a presença do “o”, junto ao “que” resume todos os elementos que constituem o texto “Era uma vez” de Liliana Iacocca. Essa é a mesma argumentação de Cunha e Cintra (2017) e de outros autores, contudo defendemos que o resumo é feito pela construção “o que” e não apenas pelo demonstrativo ou pelo relativo.

Neves (2018) menciona que os pronomes relativos introduzem as orações adjetivas, exercendo função de adjunto em relação ao seu antecedente, mas categoriza os relativos em duas classes, os PR que se referem a um antecedente e o que não se remetem a um antecedente. A autora salienta que “Diferentemente de uma conjunção subordinativa, que não tem função sintática dentro da oração em que ocorre, o PRONOME RELATIVO sempre constitui um termo da oração.” (NEVES, 2018, p. 655).

Como é possível perceber, a autora trata dos pronomes relativos, mas não menciona o item “o que” dentro de suas explanações. A referência ao “o que” é feita quando Neves (2011) afirma que o antecedente de um pronome relativo pode ser um sintagma nominal ou um pronome e que se faz comum o uso do pronome demonstrativo “o” como antecedente do PR “que”, o que nos leva à reflexão do que representaria esse pronome demonstrativo, considerando-o como um antecedente, qual sua funcionalidade dentro da construção oracional, e o porquê de não haver uma consideração do “o que” tal como “o qual”. Neves (2018) ainda menciona que o pronome demonstrativo invariável “o” usa-se em casos restritos e um deles seria seguido de oração adjetiva que no caso seria encabeçada apenas pelo pronome relativo “que”. Com essa abordagem, fica claro que a autora não considera a funcionalidade do item linguístico como uma construção, mas cada uma de suas partes com funções específicas.

A respeito da função de referenciação do pronome relativo, vale acrescentar que, segundo Santos (2018), além de fazer referência a algum antecedente, ou seja, de retomar anaforicamente outro termo, o pronome relativo também pode exercer a função catafórica, antecipando o referente, e, ainda, a função exofórica, retomando algum referente dêitico. Nos nossos dados, encontramos ocorrências do “o que”, antecipando o referente, exercendo,

portanto, a função catafórica, o que será visto na próxima seção, na qual faremos a análise dos dados, considerando tudo o que foi abordado do ponto de vista teórico.

4 FUNÇÕES SINTÁTICAS DA CONSTRUÇÃO “O QUE”: REFLEXÕES SOBRE USOS ATUAIS

Através do levantamento dos dados da presente pesquisa, foi possível observar os usos do item “o que”. Desde o início do trabalho, defendemos que “o que” é uma construção linguística, portanto, a função por ele assumida diz respeito à junção das formas “o” e “que”. (Cf. conceito de construção defendido por Rosário, 2015). Sob esse raciocínio, percebemos que essa construção pode funcionar como *pronome relativo*, introduzindo orações adjetivas restritivas e apositivas; como *pronome relativo com traços de conjunção*, introduzindo orações substantivas, e como *pronome interrogativo*, tanto em orações plenas como em orações subordinadas substantivas. Sendo assim, a presente análise está organizada a partir dessas categorias.

Nosso *corpus* está formado por um total de 27 notícias, extraídas de jornais *online* paraibanos, no período que corresponde aos dois últimos meses de 2022 e ao primeiro trimestre de 2023, ou seja, de novembro de 2022 a março de 2023. Através da leitura de notícias diversas, buscamos fazer o levantamento das ocorrências do item “o que” e analisar as funções sintáticas que essa construção está assumindo no português atual. Dessa forma, foram encontradas 61 ocorrências em todo o *corpus*, categorizadas da seguinte forma:

Tabela 01: Funções da construção “o que”

FUNÇÃO	ORAÇÕES	OCORRÊNCIAS	FREQUÊNCIA
Pronome Relativo	Orações adjetivas	23	37,7%
Pronome relativo/ Conjunção Integrante e Pronome Interrogativo	Orações substantivas	23	37,7%
Pronome Interrogativo	Orações absolutas	15	24,6%
TOTAL		61	100%

FONTE: Elaboração Própria

Como é possível acompanhar pela Tabela 01, encontramos 23 ocorrências do “o que” (37,7%) introduzindo orações adjetivas e funcionando como pronome relativo. Logo após, 23 ocorrências (37,7%), introduzindo orações substantivas, funcionando tanto como pronome relativo (ainda com traços de conjunção integrante, mas já confirmando o processo de gramaticalização pelo qual está passando), quanto como pronome interrogativo. Encontramos também 15 ocorrências (24,6%) do “o que” funcionando como pronome interrogativo e introduzindo orações absolutas.

Conforme discutido na teoria, as orações apositivas são consideradas desgarradas, conforme Decat (2011), e mantém relação de hipotaxe com a oração nuclear, conforme Rosário (2015). Já as substantivas e as restritivas são encaixadas na matriz, portanto localizam-se no eixo da subordinação (Cf. ROSÁRIO, 2015). Nas seções seguintes, trazemos exemplos representativos de cada ocorrência.

4.1 “O que” nas orações adjetivas

Das 23 ocorrências de orações adjetivas introduzidas pelo “o que” encontradas no *corpus* (revelando uma frequência de 37,7%), 3 foram usadas sem pausa [SN + O QUE] obtendo uma frequência de 13% do total, podendo ser classificadas como orações restritivas, e 20 foram usadas com pausa representando 83% da frequência, sendo 16 introduzidas por meio de vírgula [, O QUE]; 3 após o ponto [. O QUE] e 1 após travessão [– O QUE]). Portanto, podem receber a classificação de orações adjetivas explicativas ou apositivas (Cf. Decat, 2011)

Tabela 02: Orações adjetivas introduzidas por “o que”

Orações Adjetivas	Ocorrências	Frequência
Apositivas	20	87%
Restritivas	03	13%
Total	23	100%

Fonte: Elaboração Própria

Como mencionado por autores como Neves (2018) e Castilho (2010), as orações adjetivas ocorrem sempre introduzidas por um pronome relativo, que, por sua vez, retoma um termo antecedente e assume uma função sintática na adjetiva. Neves (2018, p. 655) aponta que “o estatuto de núcleo ou de determinante que O PRONOME RELATIVO possui na oração a que pertence aponta para o funcionamento sintático desse elemento [...] o pronome relativo sempre constitui um termo da oração”, ou seja, o pronome relativo tem comportamento diferente de uma conjunção subordinativa e/ou integrante, pois a conjunção não possui função sintática no âmbito oracional.

As orações apositivas explicam ou especificam um termo, oração ou contexto oracional que as precede. Comumente, esse tipo de oração é demarcada por pausas, ou seja, encontra-se separada dos outros termos oracionais. Aqui traremos exemplos de adjetivas

apositivas que acontecem após pausas gráficas como vírgula, ponto e travessão. E ainda ocorrências que apresentam o mostrativo neutro como elemento que inicia a oração, denominação dada por Castilho (1993) quando as construções trazem a estrutura [. O QUE].

Vejamos abaixo alguns exemplos prototípicos das orações analisadas:

- (1) Essa melhoria também permite a interconexão de vários equipamentos em casa ou no escritório, **o que** possibilita acesso das famílias aos produtos inovadores e utilidades domésticas que ainda não são utilizados no país pela baixa capacidade de conexão. (JDP-27/02)
- (2) Além dos diversos benefícios da atividade física, também podemos destacar a melhora grande na memória do aprendizado e na parte cognitiva. **O que** traz um benefício enorme no tratamento de doenças neuromusculares degenerativas. (EDP-16/02)
- (3) E o plano de saúde Amil S450 é um produto intermediário — **o que** deixa-o um pé à frente dos planos Amil Fácil, mas não equivalente à modalidade dos planos Amil One. (PC-02/03)

Nos exemplos acima, temos orações adjetivas apositivas introduzidas pelo pronome relativo “o que” que apresentam algum tipo de pausa. No exemplo (1), temos uma pausa que está representada graficamente pela vírgula [, O QUE], o pronome relativo (PR) não retoma apenas um termo antecedente, mas a oração que o antecede como um todo; em (2), temos uma oração adjetiva que também está localizada após uma pausa, neste caso o ponto [. O QUE], o “o que” introduz a adjetiva que retoma o tema da oração anterior e traz consigo informações novas que reforçam o que fora discutido antes, como um argumento; já em (3) a oração adjetiva apresenta uma pausa que por muitas vezes não é recorrente, mas é de igual importância, o travessão, o PR retoma seu antecedente “um produto intermediário”, explicando e até justificando a caracterização do produto [– O QUE].

Decat (2011) menciona que, sendo as apositivas/explicativas e as relativas sem cabeça as mais propícias ao desgarramento, o PR que a inicia desempenha papel de pronome resumidor, fazendo referência a todo o texto anterior e não especificamente a um único elemento. O fato de não haver uma referenciação a um antecedente específico traz um status de independência do contexto informacional. Os dados encontrados nessa pesquisa confirmam a premissa da autora.

As orações adjetivas restritivas, segundo Neves (2018, p. 670), operam “[...]uma restrição ao conjunto antecedente”, então, diferentemente da explicativa que traz apenas uma

informação suplementar, a restritiva delimita e/ou restringe a significação de seus termos antecedentes.

Abaixo alguns exemplos:

- (4) A tecnologia avança rapidamente em todo o mundo, e há interesse dos jogadores locais em **tudo o que** surge de novo. (PC-22/02)
- (5) Imposto de Renda 2023: **tudo o que** você precisa saber: Veja principais informações sobre Imposto de Renda 2023: prazo de entrega, como declarar, multa por atraso e o que acontece com quem não declarar. (JDP-25/02)

Nos exemplos (4) e (5) há duas orações adjetivas restritivas introduzidas pelo PR “o que” sem pausa gráfica [SN + O QUE]; o PR retoma, em ambos os exemplos, seu termo antecedente “tudo” restringindo-o. No exemplo (4), observamos essa delimitação pela restrição aplicada à oração no fato de que os jogadores somente têm interesse em tudo que surge de novo. Observamos que a construção “o que” assume seu papel de pronome relativo na medida em que retoma o antecedente, “tudo”, substituindo-o na oração adjetiva e assumindo função sintática de sujeito nela. Em (5) da mesma forma, vemos a restrição de que não é tudo sobre o Imposto de Renda que vai ser descrito, mas “o que você precisa saber”. Mais uma vez, há a retomada do antecedente “tudo” e sua substituição na adjetiva, com a função de complemento verbal da locução “precisa saber”.

4.2 “O que” introduzindo orações substantivas

As orações substantivas introduzidas pelo item “o que”, encontradas no *corpus*, somaram 23 ocorrências, coincidentemente o mesmo percentual das adjetivas, 37,7% da frequência total. Dessas 23, 16 são encaixadas na matriz com o item “o que” funcionando como pronome relativo e 07 como pronome interrogativo. Quanto à classificação das orações, 17 delas são completivas que representam uma frequência de 74%, 5 são subjetivas obtendo 22% de frequência, e 1 é predicativa apresentando 4% da frequência, conforme se apresenta na tabela abaixo:

Tabela 03: Orações substantivas introduzidas por “o que”

Orações Substantivas	Ocorrências	Frequência
Completivas	17	74%
Subjetivas	05	22%
Predicativas	01	4%
Total	23	100%

Fonte: Elaboração Própria

De acordo com Neves (2018, p. 1089), “[...] uma dessas orações completivas se coloca na mesma posição em que poderia estar um sintagma com núcleo substantivo, ou seja, um sintagma nominal” e é por essa razão que a autora menciona que estas orações são chamadas de orações substantivas.

Neves (2018) salienta que estas orações podem ser construídas com verbos que se enquadram nos modos finito ou infinitivo. Quando se constroem com verbos infinitivos; não apresentam conjunção, sendo assim, apenas se justapõem à oração que é tida como principal. Já em construções com verbos no modo finito apresentam duas formas de encaixamento/integração, por meio de uma conjunção integrante ou por uma palavra de cunho interrogativo ou exclamativo.

Como podemos observar, o caminho natural das substantivas é a sua inserção por meio de conjunções integrantes, porém, em nosso *corpus*; temos exemplos que mostram substantivas introduzidas por meio de pronome relativo e de pronome interrogativo; o que quebra a barreira sintática imposta formalmente por alguns gramáticos tradicionalistas. Bechara (2009), embora seja um gramático tradicional, já observava esse enlace entre as adjetivas e substantivas, como também Castilho (2010), que menciona o fato de que o pronome relativo está se gramaticalizando e exerce dois papéis: como pronome relativo, possui funções argumentais e de adjunção; como conjunção liga a adjetiva ao núcleo da oração matriz.

Seguindo ainda por suas postulações, observamos que, ao se despronominalizar, o pronome relativo se aproximaria da funcionalidade de uma conjunção integrante que se caracteriza por iniciar uma oração substantiva. Castilho (2014, p.369) ainda enfatiza que “[...] expressões linguísticas podem enquadrar-se em mais de uma classe, há situações em que ficamos em uma espécie de intervalo, entre substantiva e a adjetiva.”. Isto nos leva a uma

observação não dicotômica entre estas orações, mas, sim, na observação de um continuum entre essas categorizações.

A seguir adentraremos às três subseções de análise destinadas as orações substantivas introduzidas pelo “o que”, que tratarão das substantivas completivas, subjetivas e predicativas.

4.2.1 Substantivas Completivas

Dentro das orações completivas trataremos das orações objetiva direta, indireta e completiva nominal. As objetivas diretas e indiretas têm como referência geral servir como complemento do verbo que está localizado na oração principal, ou seja, completando seu sentido de acordo com o que é pedido na oração, objeto direto para verbos transitivos diretos e objeto indireto para verbos transitivos indiretos que necessitam de preposição junto ao seu complemento diferente do objeto direto. A completiva nominal completa o sentido de um nome que está presente na oração principal seja ele substantivo, adjetivo ou advérbio.

É válido salientar novamente que as orações encontradas no *corpus* trazem em sua formação a tipologia das orações acima explicitadas, porém o item “o que” funciona na introdução dessas substantivas como PR e PI, para uma melhor compreensão, vejamos abaixo alguns exemplos da oração objetiva direta:

- (6) Toda a polêmica foi iniciada a partir de uma publicação nas redes sociais, em que uma moradora de João Pessoa inicia filmando **o que** ela chama de “paredão de concreto”, questionando em seguida quem teria autorizado uma obra daquela. (JDP-28/02)
- (7) Saiba **o que** são as vacinas bivalentes, a diferença delas para as outras versões de imunizantes e, ainda, quem pode se vacinar com ela. (JDP-27/02)
- (8) Você sabe **o que** é o Plano Diretor Municipal? (APAL-13/02)

No exemplo (6), (7) e (8), vemos orações objetivas diretas, que complementam o sentido do verbo da oração principal, introduzidas pelo item “o que”, em (6) a oração funciona como objeto direto do verbo *filmando*, em (7) e em (8) do verbo *saber*. Porém, há uma diferenciação entre os exemplos, já que no exemplo (6), o “o que” funciona como pronome relativo, apesar de introduzir uma oração substantiva. Se observamos bem, o item “o que” retoma o tema que vem sendo discutido na oração principal, “uma publicação nas redes sociais”, e ainda exerce função sintática de objeto direto na oração por ele introduzida “ela

chama o que (= isso/essa) de ‘paredão de concreto’.” Não nos parece coerente considerar que apenas o pronome “o” seja o objeto direto do verbo “filmando”, mas a oração completa e que a construção “o que” é o elemento responsável por introduzir e encaixar a oração subordinada na sua matriz, funcionando com traços de conjunção e de pronome relativo.

Já no exemplo (7), observamos que o “o que” possui função de pronome interrogativo, introduzindo uma objetiva direta com valor de interrogativa indireta (NEVES, 2018; VIEIRA; FARACO, 2021). A pergunta vem codificada no verbo da sentença matriz, assim como Castilho (2014) caracteriza. Em (8), o “o que” também possui função de pronome interrogativo, mas introduz uma oração objetiva direta com valor de interrogativa direta, trazendo uma entoação ascendente à sentença asseverativa correspondente, como Castilho (2014) menciona. Reconhecemos, no entanto, a proximidade nessa classificação, pois sabemos que faz parte do quadro funcional do pronome assumir um lugar substantivo na oração. Dessa forma, assim como os relativos, os interrogativos também assumem função sintática na oração subordinada.

Seguido nossa explanação vejamos o exemplo da oração objetiva indireta:

- (9) “Não acho que haverá mudança porque as pessoas não conhecem a História da Paraíba. Se a população conhecesse essa história, com certeza o nome mudaria”, disse, concordando, com outras palavras, com **o que** afirmou a historiadora Kynara Santos. (PC-24/02)

Neste exemplo (9), a oração “com **o que** afirmou a historiadora Kynara Santos” é subordinada substantiva objetiva indireta, pois funciona como objeto indireto³ do verbo “concordando”. Quanto ao item “o que”, interpretamos que ele possui traços funcionais de pronome relativo, uma vez que faz referência a um antecedente, nesse caso, o tema da afirmação feita pela historiadora e, ainda, exerce função sintática na oração subordinada: a historiadora afirmou algo (= o que), ou seja, função de objeto direto. Mais uma vez, não consideramos coerente classificar separadamente o pronome “o” e o pronome “que”, mas considerar ambos como um item linguístico apenas.

A seguir traremos o exemplo da oração completiva nominal, vejamos:

³ De acordo com a classificação de Rocha Lima (2011), Bechara (2009), Castilho (2010; 2014) e outros autores, essa oração seria complemento relativo e não objeto direto, mas resolvemos manter a classificação tradicional da maioria das gramáticas.

- (10) Mesmo assim, entretanto, uma boa pesquisa deve ser feita para que você que quer descubra o melhor plano de saúde alinhadas ao seu perfil e capaz de atender às suas necessidades e aos seus objetivos. E é justamente **o que** vamos explorar ao longo deste artigo. (PC-02/03)

Em (10), a oração “**o que** vamos explorar ao longo deste artigo” é completiva nominal, pois funciona como complemento nominal do advérbio “justamente”; o “o que” possui função de pronome relativo, pois além de retomar um antecedente, no caso o tema da oração anterior, ele exerce função sintática na oração subordinada de objeto direto da locução “vamos explorar”.

4.2.2 Substantivas Subjetivas

As orações subjetivas exercem o papel de sujeito na oração principal. Abaixo apresentaremos o exemplo que configura essa classificação:

- (11) “Mais do que significados, **o que** vemos são representações das diversas formas de apreciar o mundo. Eles representam o que veem em seu pão.” (EDP-03/02)

No exemplo (11), a oração “**o que** vemos” é sujeito do verbo “são”, o “o que” possui funcionalidade de pronome relativo, mas nesse caso, especificamente, ele assume função catafórica (Cf. SANTOS, 2018), pois antecipa o tema e não o retoma; o “o que” faz referência ao que será explanado ainda, “representações das diversas formas de apreciar o mundo”, ao mesmo tempo que exerce a função sintática de objeto direto na oração por ele introduzida.

4.2.3 Substantivas Predicativas

As orações predicativas exercem função de predicativo do sujeito na oração principal. Vejamos abaixo o exemplo desta oração:

- (12) Em uma rede wifi não temos essa capacidade para suportar tantas conexões, e é **o que** faz com que o 5G seja muito atraente para o desenvolvimento da Internet das Coisas e a evolução da Indústria 4.0. (JDP-27/02)

Em (12), a oração “o que faz com que o 5G seja muito atraente para o desenvolvimento da Internet das Coisas e a evolução da Indústria 4.0” é predicativo do sujeito oculto do verbo “é”, expresso na oração coordenada inicial do período, “Em uma rede wifi não temos essa capacidade para suportar tantas conexões”. O item “o que” introduz a oração e tem essa oração anterior como referente. Além disso, assume a função sintática de sujeito do verbo fazer na oração subordinada. Por esses motivos, continuamos defendendo a ideia de que o item “o que” tem a funcionalidade de pronome relativo nesses contextos.

4.3 “O que” nas orações absolutas

Em nosso *corpus* encontramos 15 ocorrências de orações absolutas classificadas como interrogativas diretas e indiretas que representam 24,6 % da frequência total. Em todos os casos as orações foram introduzidas pelo item “o que” exercendo a funcionalidade de pronome interrogativo, o que já esperado de acordo com diversos gramáticos. As orações absolutas caracterizam-se por pertencerem ao período simples, que é constituído apenas por uma oração, um enunciado, e este possui sentido completo. Por serem formadas por uma única oração não ocorrem subordinadas. Do total de ocorrências 8 ocorreram como interrogativas diretas representando 53,3% do total e 7 como interrogativas indiretas equivalente a 46,7% do total, conforme se apresenta na tabela abaixo:

Tabela 04: Orações absolutas introduzidas por “o que”

Orações absolutas	Ocorrências	Frequência
Interrogativas Diretas	8	53,3%
Interrogativas Indiretas	7	46,7%
Total	15	100%

Fonte: Elaboração Própria

O que nos leva a refletir sobre algumas colocações de gramáticos aqui mencionados. Castilho (2014) traz junto à tipologia das sentenças simples as orações asseverativas afirmativas e negativas, as sentenças interrogativas e as exclamativas, no entanto, iremos nos atentar as interrogativas.

O autor descreve essas três estruturas e menciona que as sentenças asseverativas possuem uma complexidade menor que as demais sentenças. Castilho (2014, p. 322) diz que

isso “[...] tem levado os gramáticos a considerá-las como estruturas de base, de que as interrogativas, negativas e imperativas seriam estruturas derivadas.”.

Castilho (2014) menciona que as interrogativas se formam a partir do que desejamos saber e/ou descobrir, e que é nessa relação que se apoiam as “diferentes estratégias sintáticas movimentadas na construção dessas sentenças[...]” (CASTILHO, 2014, p. 324).

As interrogativas podem ser diretas ou indiretas, de acordo com Castilho (2014, p. 324-325) produziremos uma interrogativa direta,

“Se dispusermos previamente de uma ideia mesmo que vaga a respeito da informação que buscamos, e estivermos querendo apenas obter uma ‘confirmação ou desconfirmação de um fato’, construiremos uma sentença sem nenhum operador especial, bastando imprimir uma entoação ascendente à sentença asseverativa correspondente, obtendo assim as “interrogativas sim/não” [...]”

Em relação às interrogativas indiretas, Castilho (2014, p. 326) menciona que,

As perguntas indiretas representam uma forma mais polida de obter uma informação. Neste caso, a pergunta vem codificada no verbo da sentença matriz e o dado desconhecido vem codificado na sentença encaixada, produzindo-se uma sentença subordinada substantiva interrogativa indireta [...].

Neves (2018) aponta em seus estudos que as interrogações diretas caracterizam-se por ter uma entoação característica das interrogações e quanto as indiretas diz que se introduzem através do pronome e se caracterizam como a que faz interrogação enunciativa e que funcionaria como complemento, o que nos evidencia que esta oração ocorreria subordinada a oração principal.

Rocha Lima (2011) mencionam também o caso da interrogativa indireta e afirma que esta ocorre subordinada. Rocha Lima (2011, p. 329) diz que “[...] As *interrogativas indiretas* se anexam a oração principal por intermédio de um pronome ou adverbio interrogativo[...] e que “Cabe, também, a oração substantiva, na interrogação indireta, desempenhar o ofício de sujeito, ou o de aposto [...]” (ROCHA LIMA, 2011, p. 330). Vemos aqui que há uma evidenciação de que as interrogativas indiretas ocorrem apenas subordinadas.

Apesar de observarmos que colocam a subordinação da interrogativa indireta como obrigatória, constatamos nos dados que as orações interrogativas não precisam vir necessariamente subordinadas e comumente aparecem como orações absolutas, ou seja, formada por uma única oração, um período simples.

Abaixo alguns exemplos:

(13) **O que** acontece se eu não declarar o Imposto de Renda 2023? (JDP-25/02)

(14) A 100 dias, **o que** esperar do São João 2023 de Campina Grande. (JDP-22/02)

Nos exemplos (13) e (14) encontramos duas interrogativas em que o “o que” funciona como pronome interrogativo, o que já esperado em questão de sua funcionalidade neste tipo de ocorrência. Em (13), temos uma oração pertencente às interrogativas diretas, a oração já é proposta com um intuito de receber uma asseverativa correspondente e é feita com a ideia já estabelecida do que deseja saber, neste caso saber “o que irá acontecer se não declarar o imposto de renda”. Ainda, podemos observar que na maioria dos casos as interrogativas retiradas do *corpus* de análise se encaixam nas formas textuais de título, o que traz uma questão muito interessante para ser pesquisada em próximas pesquisas, visto que, a formação de títulos é regra na produção escrita de jornais e a introdução de entoações interrogativas nessas formas textuais possivelmente estejam ligadas as ações discursivas de argumento e de ênfase sobre as notícias, como um instrumento.

No exemplo (14) temos uma oração que pertence às interrogativas indiretas. Porém pudemos observar neste exemplo e em muitos outros presentes no *corpus* que a interrogativa indireta não ocorre obrigatoriamente subordinada. Um bônus de grande importância para nosso trabalho que poderá ser desenvolvido também em futuras pesquisas, esses resultados mostram que a língua está em constante mudança.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura que embasou nossa pesquisa está ligada à vertente funcionalista, que observa e analisa fatores internos e externos à língua, responsáveis pelo seu processo de transformação e variação. A linguagem não é suficiente em si mesma, as funções das formas linguísticas têm papel imprescindível nos estudos da língua, e, através da ótica funcionalista, é possível perceber a necessidade de um estudo além das margens estruturais, com dados reais de contextos efetivos de uso, ou seja, com a língua tanto escrita como falada em seu contexto comunicativo.

A linguagem é um fenômeno guiado por motivações, externas ou internas, que apresentam diferentes sentidos, mas que buscam sempre um equilíbrio dentro da gramática. A gramática e a língua seguem de mãos dadas pelo caminho da resignificação. Assim como a língua, a gramática também evolui, sendo assim, é instável e evolutiva intrinsecamente ligada ao uso e discurso. A gramática se adapta à situação comunicativa, variando e modificando sua construção de acordo com os usos reais, e é exatamente nestas mudanças que o funcionalismo foca sua pesquisa, renovada pelos usos dos falantes, a língua se modifica, mas mantém a organização do que surge de novo e o que se perde com o tempo, sejam eles construções inteiras ou apenas itens linguísticos.

É válido salientar que as entidades linguísticas são zonas difusas que agregaram várias camadas funcionais e que mantêm imprecisão nas categorizações, em outras palavras, são várias emersões que originam a língua e que possuem uma superposição de funções (camadas) que influenciam na dificuldade de estabelecimento de fronteiras categoriais, então, vemos que exigir da língua categorias fixas e imutáveis é como reduzir a língua(gem) a uma estrutura vazia de função e sentido.

Nos apontamentos feitos ao longo da nossa pesquisa, reiteramos e confirmamos a necessidade de desnudar o conceito de engessamento dos itens linguísticos, pois sua função e categorização flui com a língua, ou seja, se amplia em função e significado de acordo com os usos. Nosso objetivo geral foi analisar em que contextos de uso o “o que” é uma construção e como se dá o seu funcionamento em textos jornalísticos. Os dados coletados revelaram o “o que” como uma construção introduzindo orações plenas interrogativas, como pronome interrogativo, e orações subordinadas substantivas e adjetiva, como pronome relativo e pronome interrogativo de orações interrogativas diretas e indiretas.

Já em nossos objetivos específicos, buscamos analisar as diferentes funções assumidas pela construção “o que” nas estruturas analisadas. Constatamos que o “o que” apresentou funcionalidade de pronome relativo em 39 ocorrências, contendo neste total 23 ocorrências dentro das adjetivas, que, como vimos ao longo do trabalho, já é uma função esperada na introdução das adjetivas por vários gramáticos e que neste caso ocorreu com o pronome relativo “o que”. As outras 16 ocorrências, na função de PR, foram usadas nas substantivas, o que traz uma reflexão importante sobre as fronteiras categoriais pré-estabelecidas a respeito da funcionalidade dos itens que introduzem a subordinada substantiva, visto que, pela tradição, ela é introduzida por conjunções integrantes e não por pronomes relativos, o que só reforça a tese de que as adjetivas e as substantivas não estão em extremos opostos, e, sim, em um *continuum* categorial que as deixa mais perto funcionalmente através de seus itens linguísticos.

Ainda, abordando os dados da análise, o “o que” demonstrou a função de pronome interrogativo, foram 22 casos especificamente. Destes, 15 ocorreram em orações interrogativas que apresentaram-se como absolutas, ou seja, em orações não subordinadas, neste âmbito o item apresentou a função que normalmente lhe é dada, mas foi possível observar a função de pronome interrogativo em interrogativas indiretas que deveriam vir “sempre” subordinadas e em nosso *corpus* encontramos interrogativas indiretas não subordinadas. Os 7 casos restantes dentro da funcionalidade de PI ocorreram em orações substantivas, agregando a essas orações um valor interrogativo.

Em suma, obtivemos a consolidação do “o que” como um item só, completo e não separável, sendo assim, um item que funciona como uma única construção, não seguindo as afirmações que alguns gramáticos postularam sobre o pronome relativo ser apenas o “que” e o “o” um pronome definidor apenas como antecedente do relativo. Além disso, reconhecemos que o item linguístico introduz não apenas orações adjetivas, mas também orações substantivas com função de pronome relativo e com função de pronomes interrogativos. Como pronomes interrogativos, introduzem orações interrogativas diretas, como já era esperado, e orações interrogativas indiretas, inclusive sem obrigatoriedade de subordinação, um bônus muito interessante ao nosso estudo, que, apesar de não ter sido nosso foco principal reforça o status variacional da língua e pode servir de motivação para pesquisas futuras.

Nossa pesquisa e nossos resultados elucidam mais uma vez a dinamicidade das funções exercidas pelos itens linguísticos e das ocorrências oracionais em nossa língua e, com isso, reafirma a grande importância de pesquisas pautadas no contexto de uso, na língua e na gramática sobre as construções oracionais presentes em nossa língua que também estão em

evolução. Tudo isso configura um reconhecimento de fluidez nas definições categoriais, o que perturba o sistema rígido das sistematizações, mas garante uma apresentação mais real e fiel da língua durante o surgimento ou desaparecimento de construções, bem como de sua organização ou reorganização.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, Karen Sampaio B; CEZARIO, Maria Maura. A dimensão do uso na gramaticalização de construções. In: Oliveira, Mariangela Rios de. ROSÁRIO, Ivo da Costa. (Orgs.). **Linguista centrada no uso – teoria e método**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015. p. 63-73.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática do Português Brasileiro**. 37. Ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.
- CARVALHO, Luis Osete Ribeiro. DUARTE, Francisco Ricardo. MENEZES, Afonso Henrique Novaes. SOUZA Tito Eugênio Santos [et al.]. **Metodologia científica: teoria e aplicação na educação a distância** – Petrolina-PE, 2019. 83 p.: 20 cm. 1 Livro digital.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. 1. Ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.
- CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. SILVEIRA, Denise Tolfo. A Pesquisa Científica. In: GERHARDT, Tatiana; SILVEIRA, Denise. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.
- DECAT, Maria Beatriz Nascimento. **Estruturas desgarradas em língua portuguesa**. Campinas, SP :Pontes Editores, 2011.
- FARACO, Carlos Alberto; VIEIRA, Francisco Eduardo. **Escrever na Universidade: gramática da subordinação**. 1. Ed. São Paulo: Parábola, 2021.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- FURTADO DA CUNHA, Angélica. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 157-176.
- CUNHA, Maria Angélica Furtado da; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. (Orgs.). **Linguística centra no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. 1. Ed. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013. p. 13-40
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da Cunha; OLIVEIRA, Nathália Félix de. Abordagem construcionista na gramaticalização: perspectivas e contribuições. In: Oliveira, Mariangela

Rios de. ROSÁRIO, Ivo da Costa. (Orgs.). **Linguista centrada no uso – teoria e método**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015. p. 51-62.

LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49.Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; AREAS, Eduardo Kenedy. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; Oliveira, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 17-28

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática do português revelada em textos**. 1. Ed. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2011.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. Ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. Gramática, gramaticalização, construções e integração oracional: algumas reflexões. In: Oliveira, Mariangela Rios de. ROSÁRIO, Ivo da Costa. (Orgs.). **Linguista centrada no uso – teoria e método**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015. p. 36-50.

SANTOS, Noelma Cristina Ferreira dos. **O Funcionamento sintático e semântico-discursivo da relativização no português brasileiro: usos na modalidade escrita**. João Pessoa, 2018. Tese (Doutorado). UFPB/CCHLA.

REFERÊNCIAS DAS NOTÍCIAS ANALISADAS

JORNAL A PÁGINA

SAIBA O QUE ACONTECE COM ELEITOR QUE FALTA E NÃO JUSTIFICA VOTO.

Jornal a Página, João Pessoa, 1 de outubro de 2022. Disponível em:

<https://jornalpagina.com/2023/01/saiba-o-que-acontece-com-eleitor-que-falta-e-nao-justifica-voto/>. Acesso em: 02/03/2023.

JORNAL A PALAVRA

ALIENAÇÃO PARENTAL: VOCÊ SABE O QUE É? **Jornal a Palavra**, São Sapé, 09 de maio de 2022. Disponível em: <https://jornalpalavra.com/index.php/2023/02/alienacao-parental-voce-sabe-o-que-e/>. Acesso em: 02/03/2023.

NÃO TENHO DINHEIRO PARA ME CASAR. O QUE EU FAÇO? **Jornal a Palavra**, São Sapé, 21 de fevereiro de 2022. Disponível em:

<https://jornalpalavra.com/index.php/2022/02/nao-tenho-dinheiro-para-me-casar-o-que-eu-faco/>. Acesso em: 02/03/2023.

O QUE É A CESSÃO DE DIREITOS HEREDITÁRIOS? **Jornal a Palavra**, São Sapé, 22 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://jornalpalavra.com/index.php/2023/02/o-que-e-a-cessao-de-direitos-hereditarios/>. Acesso em: 02/03/2023.

VOCÊ SABE O QUE É O PLANO DIRETOR MUNICIPAL? **Jornal a Palavra**, São Sapé, 13 de fevereiro de 2023. Disponível em: <https://jornalpalavra.com/index.php/2023/02/voce-sabe-o-que-e-o-plano-diretor-municipal/>. Acesso em: 02/03/2023.

JORNAL DA PARAÍBA

A 100 DIAS, O QUE ESPERAR DO SÃO JOÃO 2023 DE CAMPINA GRANDE. **Jornal da Paraíba**, João Pessoa. Disponível em: <https://jornaldaparaiba.com.br/noticias/o-que-esperar-do-sao-joao-2023-de-campina-grande>. Acesso em: 02/03/2023.

IMPOSTO DE RENDA 2023: TUDO O QUE VOCÊ PRECISA SABER. **Jornal da Paraíba**, João Pessoa. Disponível em: <https://jornaldaparaiba.com.br/economia/imposto-de-renda/imposto-de-renda-2023>. Acesso em: 02/03/2023.

O QUE É 5G E O QUE MUDA NAS CIDADES QUE JÁ RECEBERAM O SINAL. **Jornal da Paraíba**, João Pessoa. Disponível em: <https://jornaldaparaiba.com.br/tecnologia/o-que-e-5g/>. Acesso em: 02/03/2023.

O QUE É A VACINA BIVALENTE CONTRA COVID-19 E COMO ELA FUNCIONA.

Jornal da Paraíba, João Pessoa, 27 de fevereiro de 2023. Disponível em:

<https://jornaldaparaiba.com.br/saude/o-que-e-a-vacina-bivalente-covid>. Acesso em: 02/03/2023.

PRÉDIO NA AREIA DA PRAIA DO BESSA: O QUE DIZEM ESPECIALISTAS. **Jornal da Paraíba**, João Pessoa, 28 de fevereiro de 2023. Disponível em:

<https://jornaldaparaiba.com.br/meio-ambiente/construcao-de-predio-na-areia-da-praia-dobessa-o-que-dizem-especialistas/>. Acesso em: 02/03/2023.

O ESTADO DA PARAÍBA

BQ.1: O QUE SE SABE SOBRE VARIANTE DA ÔMICRON DESCOBERTA NO BRASIL. O Estado da Paraíba, João Pessoa, 7 de novembro de 2022. Disponível em: <https://www.oestadodaparaiba.com.br/bq-1-o-que-se-sabe-sobre-variante-da-omicron-descoberta-no-brasil/>. Acesso em: 02/03/2023.

NEYMAR SOFRE ENTORSE NO TORNOZELO: ENTENDA O QUE É A LESÃO. O Estado da Paraíba, João Pessoa, 25 de novembro de 2022. Disponível em: <https://www.oestadodaparaiba.com.br/neymar-sofre-entorse-no-tornozelo-entenda-o-que-e-a-lesao/>. Acesso em: 02/03/2023.

O QUE É INTELIGÊNCIA NEUROMUSCULAR E QUAIS SÃO OS SEUS GANHOS À SAÚDE. O Estado da Paraíba, João Pessoa, 16 de fevereiro de 2023. Disponível em: <https://www.oestadodaparaiba.com.br/o-que-e-inteligencia-neuromuscular-e-quais-sao-os-seus-ganhos-a-saude/>. Acesso em: 02/03/2023.

O QUE É O PÃO MORTO E COMO SURTIU ESSA TRADIÇÃO NO MÉXICO. O Estado da Paraíba, João Pessoa, 3 de novembro de 2022. Disponível em: <https://www.oestadodaparaiba.com.br/o-que-e-o-pao-do-morto-e-como-surgiu-essa-tradicao-no-mexico/>. Acesso em: 02/03/2023.

SEMAGLUTIDA: O QUE É O REMÉDIO PARA EMAGRECER, INDICAÇÕES E RISCOS. O Estado da Paraíba, João Pessoa, 7 de janeiro de 2023. Disponível em: <https://www.oestadodaparaiba.com.br/semaglutida-o-que-e-o-remedio-para-emagrecer-indicacoes-e-riscos/>. Acesso em: 02/03/2023.

PORTAL CORREIO

ATOR JANSEN PANETTIÈRE MORRE AOS 28 ANOS. Portal Correio, João Pessoa, 21 de fevereiro de 2023. Disponível em: <https://portalcorreio.com.br/ator-jansen-panettiere-morre-aos-28-anos/>. Acesso em: 02/03/2023.

DANIEL ALVEZ COMPLETA UM MÊS DE PRISÃO NA ESPANHA; RELEMBRE O QUE JÁ ACONTECEU COM ELE NESSE PERÍODO. Portal Correio, João Pessoa, 20 de fevereiro de 2023. Disponível em: <https://portalcorreio.com.br/daniel-alves-completa-um-mes-de-prisao-na-espanha-relembre-o-que-ja-aconteceu-com-ele-nesse-periodo/>. Acesso em: 02/03/2023.

DE MÚSICA SOBRE MATAR O EX A BOLO COM INDIRETA: SHAKIRA E PIQUÉ NÃO PARAM DE TROCAR ALFINETADAS. Portal Correio, João Pessoa, 16 de fevereiro de 2023. Disponível em: <https://portalcorreio.com.br/de-musica-sobre-matar-o-ex-a-bolo-com-indireta-shakira-e-pique-nao-param-de-trocar-alfinetadas/>. Acesso em: 02/03/2023.

ESPECIALISTA EXPLICA O QUE É E COMO PREVENIR A INSUFICIÊNCIA CARDÍACA. Portal Correio, João Pessoa, 26 de fevereiro de 2023. Disponível em:

<https://portalcorreio.com.br/especialista-explica-o-que-e-e-como-prevenir-a-insuficiencia-cardiaca/>. Acesso em: 02/03/2023.

JOÃO PESSOA VAI MUDAR DE NOME? O QUE DIZ A HISTÓRIA DA PARAÍBA SOBRE UMA POLÊMICA QUE JÁ DURA 93 ANOS. **Portal Correio**, João Pessoa, 24 de fevereiro de 2023. Disponível em: <https://portalcorreio.com.br/joao-pessoa-vai-mudar-de-nome-o-que-diz-a-historia-da-paraiba-sobre-uma-polemica-que-ja-dura-93-anos/>. Acesso em: 02/03/2023.

NÚMERO DE VEREADORES DE JOÃO PESSOA SOBE DE 27 PARA 29. **Portal Correio**, João Pessoa, 02 de março de 2023. Disponível em: <https://portalcorreio.com.br/numero-de-veredores-de-joao-pessoa-sobe-de-27-para-29/>. Acesso em: 02/03/2023.

POUCO VISTA, SAIBA O QUE ACONTECEU COM A NOTA DE R\$ 200. **Portal Correio**, João Pessoa, 11 de fevereiro de 2023. Disponível em: <https://portalcorreio.com.br/pouco-vista-saiba-o-que-aconteceu-com-a-nota-de-r-200/>. Acesso em: 02/03/2023.

PREFEITURA DO CONDE SUSPENDE LEI SOBRE APREENSÃO E SACRIFÍCIO DE ANIMAIS SOLTOS NAS RUAS. **Portal Correio**, João Pessoa, 25 de fevereiro de 2023. Disponível em: <https://portalcorreio.com.br/prefeitura-de-conde-suspende-lei-sobre-apreensao-e-sacrificio-de-animais-soltos-nas-ruas/>. Acesso em: 02/03/2023.

QUAL O MELHOR PLANO DE SAÚDE E COMO CONTRATAR? **Portal Correio**, João Pessoa, 02 de março de 2023. Disponível em: <https://portalcorreio.com.br/qual-o-melhor-plano-de-saude-e-como-contratar/>. Acesso em: 02/03/2023.

SAIBA O QUE MUDA NOS BENEFÍCIOS DO INSS COM O AUMENTO DO SLÁRIO MÍNIMO EM 2023. **Portal Correio**, João Pessoa, 06 de janeiro de 2023. Disponível em: <https://portalcorreio.com.br/saiba-o-que-muda-nos-beneficios-do-inss-com-o-aumento-do-salario-minimo-em-2023/>. Acesso em: 02/03/2023.

TENDÊNCIAS COMERCIAIS DOS CASINOS EM PORTUGAL NUM FUTURO PRÓXIMO. **Portal Correio**, João Pessoa, 22 de fevereiro de 2023. Disponível em: <https://portalcorreio.com.br/tendencias-comerciais-dos-casinos-em-portugal-num-futuro-proximo/>. Acesso em: 02/03/2023.

ANEXOS

ANEXO A – QUADRO DE ANÁLISE DO CORPUS

JORNAIS ONLINE DA PARAÍBA	TRECHOS	CLASSIFICAÇÃO
JORNAL A PÁGINA	Saiba o que acontece com eleitor que falta e não justifica voto. (APAG-10/01)	A oração é subordinada substantiva objetiva direta, porque é objeto direto do verbo saber. O “o que” introduz essa oração e tem função de pronome interrogativo / no caso interrogativo indireto (NEVES, VIEIRA e FARACO)
JORNAL A PALAVRA	Você sabe o que é o Plano Diretor Municipal? (APAL- 13/02)	A oração é subordinada substantiva objetiva direta, pois funciona como objeto direto do verbo saber. O “o que” introduz a oração e possui função de pronome interrogativo.
	Alienação parental: Você sabe o que é? (APAL-05/02)	A oração é subordinada substantiva objetiva direta, funciona como objeto direto do verbo saber. O “o que” tem função de pronome interrogativo.
	O Que é a Cessão de Direitos Hereditários? (APAL-22/02)	Interrogativa direta / pronome interrogativo
	Não tenho dinheiro para me casar. O que eu faço? (APAL-21/02)	Interrogativa direta / pronome interrogativo
JORNAL DA PARAÍBA	Prédio na areia da praia do Bessa: o que dizem especialistas (JDP-28/02)	Interrogativa direta / pronome interrogativo
	Trata-se do Edifício Avoante, da construtora Delta, e o que chamou a atenção da população é um quebra-mar que vem sendo erguido para além dos limites de outras construções que já existem na vizinhança. (JDP-28/02)	A oração é subordinada substantiva subjetiva, funciona como sujeito da oração. O “o que” tem função de pronome relativo.
	Toda a polêmica foi iniciada a partir de uma publicação nas redes sociais, em que uma moradora de João Pessoa inicia filmando o que ela chama de “paredão de concreto”, questionando em seguida quem teria autorizado uma obra daquela. (JDP-28/02)	A oração é subordinada substantiva objetiva direta, por que é objeto direto do verbo filmando. O “o que” possui função de pronome relativo.
	Ela disse que sente falta de uma árvore que havia por ali e que foi derrubada e classificou tudo aquilo de completamente errado. “Eu acho fora do normal o que eles estão fazendo”, reclamou. (JDP-28/02)	A oração é subordinada substantiva objetiva direta, porque é objeto direto do verbo acho. O “o que” possui função de pronome relativo. Eu acho o que eles estão fazendo fora do normal = objetiva direta tb – o que = pronome relativo
	E, ao menos por ora, o que se diz é que, embora ela provoque impactos ambientais, está sendo considerada legal. (JDP-28/02)	A oração é subordinada substantiva subjetiva, porque funciona como sujeito do verbo ser. O “o que” possui função de pronome relativo.
	Ellen deixa claro que não conhece o projeto da Delta e que não fala especificamente sobre o caso, mas, de forma ampla, discute o que diz a legislação brasileira sobre o tema. (JDP-28/02)	A oração é subordinada substantiva objetiva direta, funciona como objeto direto do verbo discute. O “o que” funciona como pronome relativo
	Ela pondera, contudo, que desde 2017 o Governo Federal repassou para o município o que antes eram de responsabilidade da União: a possibilidade de fazer a gestão de suas praias. (JDP-28/02)	A oração é subordinada substantiva objetiva direta, funciona como objeto direto do verbo. O “o que” funciona como pronome relativo.
	O que é a vacina bivalente contra Covid-19 e como ela funciona: A vacina bivalente oferece a proteção contra o vírus original da Covid-19 e as variantes que surgiram depois. (JDP-	Interrogativa direta / pronome interrogativo

	27/02)	
	Saiba o que são as vacinas bivalentes, a diferença delas para as outras versões de imunizantes e, ainda, quem pode se vacinar com ela. (JDP-27/02)	Oração subordinada substantiva objetiva direta, funciona como objeto direto do verbo saber. O que funciona como pronome interrogativo.
	O que é 5G e o que muda nas cidades que já receberam o sinal: Chegada do sinal 5G em mais cidades da Paraíba promete mais velocidade e estabilidade nas conexões com a internet. (JDP-27/02)	Interrogativa direta / pronome interrogativo
	Em uma rede wifi não temos essa capacidade para suportar tantas conexões, e é o que faz com que o 5G seja muito atraente para o desenvolvimento da Internet das Coisas e a evolução da Indústria 4.0. (JDP-27/02)	Subordinada substantiva predicativa, funciona como predicado do verbo ser. O “o que” possui função de pronome relativo.
	Com o 5G, a expectativa é que este intervalo seja entre 1 e 2 milissegundos para processar até 20 Gigabytes, o que significa uma velocidade até 20 vezes maior para os usuários. (JDP-27/02)	A oração é subordinada adjetiva, pois retoma a oração anterior. O “o que” possui função de pronome relativo, a oração possui uma pausa (vírgula).
	Além dos benefícios individuais, a evolução com a rede 5G trará mais velocidade de conexão em rede banda larga para aparelhos, o que significa que mais pessoas poderão estar conectadas sem perda da qualidade do sinal. (JDP-27/02)	A oração é subordinada adjetiva, pois retoma a oração anterior. O “o que” possui função de pronome relativo, a oração possui uma pausa (vírgula).
	Essa melhoria também permite a interconexão de vários equipamentos em casa ou no escritório, o que possibilita acesso das famílias aos produtos inovadores e utilidades domésticas que ainda não são utilizados no país pela baixa capacidade de conexão. (JDP-27/02)	A oração é subordinada adjetiva, pois retoma a oração anterior. O “o que” possui função de pronome relativo, a oração possui uma pausa (vírgula).
	Imposto de Renda 2023: tudo o que você precisa saber: Veja principais informações sobre Imposto de Renda 2023: prazo de entrega, como declarar, multa por atraso e o que acontece com quem não declarar. (JDP-25/02)	Oração 1: É subordinada adjetiva, retoma o antecedente “tudo”. O “o que” funciona como pronome relativo. Oração 2: Interrogativa direta / pronome interrogativo
	O que acontece se eu não declarar o Imposto de Renda 2023? (JDP-25/02)	Interrogativa direta / pronome interrogativo
	O que é a declaração do Imposto de Renda 2023? (JDP-25/02)	Interrogativa direta / pronome interrogativo
	A 100 dias, o que esperar do São João 2023 de Campina Grande: Faltam 100 dias para o São João 2023 de Campina Grande; veja informações já divulgadas sobre o evento, que em 2023 completa 40 anos de existência. (JDP-22/02)	Interrogativa indireta / pronome interrogativo
	A empresa Arte Produções de Eventos Artísticos e Locações Ltda, selecionada para gerir o São João 2023 de Campina Grande, é a mesma responsável pela realização de um dos	Oração adjetiva desgarrada, segundo Decat. O “o que” funciona como pronome relativo, a oração possui uma pausa (ponto) e entra na clivagem.

	<p>maiores eventos de agropecuária do Nordeste, a feira Expocrato.</p> <p>O que se sabe, também, é que o empresário Jocélio Costa, de Campina Grande, também está envolvido diretamente na organização da festa, sendo o representante local da empresa gestora do evento. (JDP-22/02)</p>	
	<p>Para o instituto, os números do “Maior São João do Mundo” – como a festa é conhecida – foram impressionantes em 2022, o que a consolidou como a maior do país. (JDP-22/02)</p>	<p>A oração é subordinada adjetiva, retoma a oração anterior. O “o que” funciona como pronome relativo, a oração possui uma pausa (vírgula).</p>
<p>O ESTADO DA PARAÍBA</p>	<p>O que é inteligência neuromuscular e quais são os seus ganhos à saúde (EDP-16/02)</p>	<p>Interrogativa indireta / pronome interrogativo</p>
	<p>Além dos diversos benefícios da atividade física, também podemos destacar a melhora grande na memória do aprendizado e na parte cognitiva. O que traz um benefício enorme no tratamento de doenças neuromusculares degenerativas. (EDP-16/02)</p>	<p>Subordinada adjetiva desgarrada, segundo Decat. O “o que” funciona como pronome relativo, a oração possui uma pausa (ponto).</p>
	<p>Semaglutida: o que é o remédio para emagrecer, indicações e riscos (EDP-07/01)</p>	<p>Interrogativa indireta / pronome interrogativo</p>
	<p>Neymar sofre entorse no tornozelo: entenda o que é a lesão (EDP-25/02)</p>	<p>A oração é subordinada substantiva objetiva direta, é objeto direto do verbo entenda. O “o que” funciona como pronome relativo.</p>
	<p>BQ.1: o que se sabe sobre variante da ômicron descoberta no Brasil (EDP-07/02)</p>	<p>A oração é subordinada substantiva subjetiva, funciona como sujeito da oração do verbo sabe. O “o que” funciona como pronome interrogativo.</p>
	<p>A variante já havia sido encontrada no Amazonas em 20 de outubro, de acordo com a unidade da Fiocruz no estado, o que fortalece a suposição de que ela circula em diferentes locais do país. (EDP-07/02)</p>	<p>A oração é subordinada adjetiva, retoma a oração anterior. O “o que” possui função de pronome relativo, a oração possui uma pausa (vírgula).</p>
	<p>“A paciente não havia viajado, o que significa que essa variante já está causando transmissões localmente”, completa o secretário. (EDP-07/02)</p>	<p>A oração é subordinada adjetiva, retoma a oração anterior. O “o que” tem função de pronome relativo, a oração possui uma (vírgula).</p>
	<p>Entre elas, está a mutação R346T, também encontrada na variante BA.5, que é associada por estudos com o escape imune significativo e até a evasão de anticorpos causados por infecções naturais por outras subvariantes da ômicron.</p> <p>“Mas o que vemos acontecendo na Europa é que desde que as pessoas tenham a dose de reforço, ela supera a imunidade em relação à infecção, mas não causa casos graves.” (EDP-07/02)</p>	<p>A oração é subordinada substantiva subjetiva, funciona como sujeito do verbo “é”. O “o que” funciona como pronome relativo e antecipa o referente que é a oração principal toda.</p>
	<p>O que é o pão do morto e como surgiu essa tradição no México (EDP-03/02)</p>	<p>Interrogativa indireta / pronome interrogativo</p>
	<p>O papalotlaxcalli ou pão de borboleta era mais semelhante em forma a uma tortilha — mais plano do que redondo. O que mais se assemelha ao consumido no centro do país,</p>	<p>A oração é subordinada adjetiva desgarrada, retoma o sentido da oração anterior introduzindo novas informações, O “o que” possui função de pronome relativo, a oração possui uma pausa (ponto).</p>

	mais redondo, é o huitlatamalli, uma espécie de pamonha. (EDP-03/02)	
	“Mais do que significados, o que vemos são representações das diversas formas de apreciar o mundo. Eles representam o que veem em seu pão.” (EDP-03/02)	A oração é subordinada substantiva subjetiva, funciona como sujeito de são. O “o que” funciona como pronome relativo, a oração possui uma pausa (vírgula).
PORTAL CORREIO	Mesmo assim, entretanto, uma boa pesquisa deve ser feita para que você que quer descubra o melhor plano de saúde alinhadas ao seu perfil e capaz de atender às suas necessidades e aos seus objetivos. E é justamente o que vamos explorar ao longo deste artigo. (PC-02/03)	A oração é subordinada substantiva completiva nominal, funciona como complemento nominal do advérbio justamente. O “o que” possui função de pronome relativo.
	Afinal de contas, o melhor plano de saúde é aquele que tem tudo a ver com você, e nas Zelas Saúde você consegue ter a plasticidade de comparar e escolher o que é melhor para vocês, seja no seu computador ou no seu celular, na palma de sua mão, concorda? (PC-02/03)	A oração é subordinada substantiva objetiva direta, funciona como objeto direto do verbo escolher. O “o que” possui função de pronome relativo.
	E o plano de saúde Amil S450 é um produto intermediário — o que deixa-o um pé à frente dos planos Amil Fácil, mas não equivalente à modalidade dos planos Amil One. (PC-02/03)	A oração é subordinada adjetiva, retoma o antecedente. O “o que” possui função de pronome relativo, a oração possui uma pausa (travessão).
	Depois de tudo o que vimos por aqui, deve ter ficado claro que o melhor plano de saúde atende, especificamente, o que você precisa. (PC-02/03)	Oração 1: É subordinada adjetiva, retoma o antecedente “tudo”. O “o que” funciona como pronome relativo. Oração 2: É subordinada substantiva objetiva direta, funciona como objeto direto do verbo atende. O “o que” funciona como pronome relativo.
	A partir de 2025, a quantidade de vereadores de João Pessoa passa de 27 para 29. A medida havia sido aprovada pela Câmara Municipal de João Pessoa (CMJP) no fim do ano passado , mas precisava de análise em dois turnos, o que só foi concluído nesta quinta-feira (2). (PC-02/03)	A oração é subordinada adjetiva, retoma o contexto da oração antecedente. O “o que” possui função de pronome relativo, a oração possui uma pausa (vírgula).
	João Pessoa vai mudar de nome? O que diz a História da Paraíba sobre uma polêmica que já dura 93 anos. (PC-24/02)	Interrogativa indireta / pronome interrogativo
	Saiba o que muda nos benefícios do INSS com o aumento do salário mínimo em 2023. (PC-06/01)	A oração é subordinada substantiva objetiva direta, funciona como objeto direto do verbo saber. O “o que” funciona como pronome interrogativo.
	Especialista explica o que é e como prevenir a insuficiência cardíaca. (PC-26/02)	A oração é subordinada substantiva objetiva direta, funciona como objeto direto do verbo explica. O “o que” funciona como pronome relativo.
	O que dizia a lei (PC-25/02)	Interrogativa indireta / pronome interrogativo
	João Pessoa vai mudar de nome? O que diz a História da Paraíba sobre uma polêmica que já dura 93 anos. (PC-24/02)	Interrogativa indireta / pronome interrogativo
O que dizem a prefeitura e a Câmara (PC-24/02)	Interrogativa indireta / pronome interrogativo	
Pessoa concorria como vice na chapa de Getúlio Vargas à Presidência da República,	A oração é subordinada adjetiva, retoma o assunto da oração anterior, explicando-a. O “o que” possui função de pronome	

	mas foi assassinado em Recife, pelo adversário político João Dantas, em 1930, o que causou comoção popular e resultou na homenagem. (PC-24/02)	relativo, a oração possui uma pausa (vírgula).
	Veja abaixo um trecho do texto de Kynara publicado em 2021. <i>“O que permanece é a indagação: quais obras grandiosas dele e por que ele merecia tanto ser homenageado pela 3ª cidade mais antiga do Brasil?”</i> (PC-24/02)	A oração é subordinada substantiva subjetiva, funciona como sujeito de é. O “o que” funciona como pronome relativo.
	“Não acho que haverá mudança porque as pessoas não conhecem a História da Paraíba. Se a população conhecesse essa história, com certeza o nome mudaria”, disse, concordando, com outras palavras, com o que afirmou a historiadora Kynara Santos. (PC-24/02)	A oração é subordinada substantiva objetiva indireta, funciona como objeto indireto de concordando, a vírgula intercala o adjunto: concordando com o que afirmou a história [...]. O “o que” possui função de pronome relativo.
	Os jogadores podem interagir com o dealer e com os outros jogadores na mesa, o que torna a experiência mais social e divertida. (PC-22/02)	A oração é subordinada adjetiva, retoma a oração anterior, O “o que” possui função de pronome relativo, a oração possui uma pausa (vírgula).
	Além disso, muitos casinos oferecem mesas ao vivo com dealers que falam português, o que torna a experiência ainda mais acessível e familiar. (PC-22/02)	A oração é subordinada adjetiva, retoma a oração anterior. O “o que” possui função de pronome relativo, a oração possui uma pausa (vírgula).
	Muitos casinos online oferecem promoções e bônus exclusivos para jogos ao vivo, o que também tem ajudado a impulsionar a sua popularidade. (PC-22/02)	A oração é subordinada adjetiva, retoma a oração anterior. O “o que” funciona como pronome relativo, a oração possui uma pausa (vírgula).
	Muitos casinos online oferecem bônus específicos para jogadores que utilizam a versão mobile, como ofertas de boas-vindas ou rodadas grátis, o que incentiva ainda mais os jogadores a experimentarem os jogos pelo telemóvel. (PC-22/02)	A oração é subordinada adjetiva, retoma a oração anterior. O “o que” funciona como pronome relativo, a oração possui uma pausa (vírgula).
	A tecnologia avança rapidamente em todo o mundo, e há interesse dos jogadores locais em tudo o que surge de novo. (PC-22/02)	A oração é subordinada adjetiva, retoma a o antecedente “tudo”. O “o que” funciona como pronome relativo.
	O ator era mais conhecido por seus trabalhos em Robôs, A Era do Gelo 2 e The Walking Dead. Ele também estrelou filmes do Disney Channel e da Nickelodeon, o que rendeu uma indicação ao Young Artist Award em 2008, por seu papel em O Último Dia de Verão. (PC-21/02)	A oração é subordinada adjetiva, retoma a oração anterior. O “o que” funciona como pronome relativo, a oração possui uma pausa (vírgula).
	Daniel Alves completa um mês de prisão na Espanha; lembre o que já aconteceu com ele nesse período. (PC-20/02)	A oração é subordinada substantiva objetiva direta, funciona como objeto direto do verbo lembre. O “o que” funciona como pronome relativo.
	Pouco tempo após a separação e polêmicas de traição, o jogador de futebol anunciou o namoro com Clara Chía, o que rendeu diversas farpas. (PC-16/02)	A oração é subordinada adjetiva, retoma a oração anterior. O “o que” funciona como pronome relativo, a oração possui uma pausa (vírgula).
	O moletom tem justamente a frase “las mujeres facturan” estampada na frente, o que	A oração é subordinada adjetiva, retoma a oração anterior. O “o que” possui função de pronome relativo, a oração possui uma

	foi visto por alguns fãs como mais uma provocação dela ao ex-marido. (PC-16/02)	pausa (vírgula).
	Pouco vista, saiba o que aconteceu com a nota de R\$ 200 (PC-11/02)	A oração é subordinada substantiva objetiva direta, funciona como objeto direto do verbo saber. O “o que” funciona como pronome interrogativo.